



PARQUE ECO LÓGICO PARA QUEM? UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA E COMPORTAMENTAL DO PARQUE DE BODOCÔNIGO.

SUZANE BEZERRA FARIAS DE SOUZA

CAAUF CG

PARQUE ECOLÓGICO PARA QUEM? UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA E COMPORTAMENTAL DO PARQUE DE BODOCONGÓ.

SUZANE BEZERRA FARIAS DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Normando Macêdo Barros Filho.

CAMPINA GRANDE
2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
COORDENACAO DE GRADUACAO EM ARQUITETURA E URBANISMO
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900
Telefone: (83) 2101-1400
Site: <http://ctrn.ufcg.edu.br> - E-mail: ctrn@ufcg.edu.br

DECLARAÇÃO

Processo nº 23096.026548/2021-04

O Trabalho de Conclusão de Curso “**PARQUE ECOLÓGICO PARA QUEM? UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA ECOMPORIMENTAL DO PARQUE BODOCONGÓ**”, foi apresentado por **SUZANE BEZERRA FARIAS DE SOUZA**, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: 24 de MAIO de 2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. **MAURO NORMANDO M. BARROS FILHO**

Orientador – Presidente

Prof^ª. Dr^ª. **KAINARA LIRA DOS ANJOS**

Examinadora Interna

Prof.^ª Me. **LÍZIA AGRA VILARIM**

Examinadora externa



Documento assinado eletronicamente por **MAURO NORMANDO MACEDO BARROS FILHO, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/05/2021, às 10:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **KAINARA LIRA DOS ANJOS, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/05/2021, às 10:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lizia Agra Villarim, Usuário Externo**, em 24/05/2021, às 10:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **1472700** e o código CRC **C2F39570**.

THANK YOU
OBRIGADO
TESEKKÜR
GRACIAS
AGRADEC
MERCY
DANKE
KOP KHUN
DHAN YAVÄD
KÖSZÖNÖM
XIÈXIÈ
KOP KHUN
DANKE
OBRIGADO
MERCY
KÖSZÖNÖM
XIÈXIÈ
GRACIAS
TESEKKÜR
NGIYABONGA
הדוּת
DHANYAVÄD
KÖSZÖNÖM
ARIGATÔ
MERCY
הדוּת
DANKE
OBRIGADA
DANKE
TAK
SHUKRAN
XIÈXIÈ
DÉKUJIE
MERCY
GRÀCIE
HVALA
TESEKKÜR
TERIMA KASIH.
XVALA
KOP KHUN
THANK YOU
SHUKRAN
TACK
CRAZIE



À minha **MÃE** Naziene, por ser a minha maior incentivadora, acreditar em mim quando nem eu mesma acreditei. Por ser essa guerreira e colocar sempre nós, filhos, como prioridade e ser a pessoa que eu mais admiro no mundo.

TE AMO!

Ao meu **PAI** Carlos, por sempre apoiar as minhas decisões e à **Marília** pelo meu ponto de suporte durante esses cinco anos de curso. Obrigada pela casa, comida e roupa lavada ao longo desses anos, vocês são **essenciais** para mim.

**O
B
R
I
G
A
D
A**

por me ajudar a chegar

Aos meu irmãos **Vinicius, Carlos Murilo, Gabriela** e **Maria Sofia** por me ensinar a dividir e a ser uma **pessoa melhor** a cada dia. **AMO VOCÊS!**

Ao meu tio **Nivaldo** pelo zelo conosco e por ser a nossa figura paterna próxima. **OBRIGADA!!!**

Ao Viva La Vida: **Augusto Ygor, Paulo Victor** e **Jéssica Ramondot** por acompanhar a minha trajetória desde o início, mesmo que cada um em um lugar do mundo diferente. Obrigada pelos melhores (?) conselhos durante esses **18 anos!**

a
t
é
a
q
u
i!

Ao Panelinha: **Aline Daniele, Luiz Augusto** e **Nathália Ferreira** e ao restante da família prédio em especial **Carol Barros**, por fazer desses anos em Campina Grande os melhores anos da minha vida! Vocês se tornaram **família!**

Ao Bem Querida: **João Batista, Gustavo Tavares** e **Mariana Andrade** por serem as melhores aquisições desse curso, pelas melhores farras, viagens e **melhores memórias**, mesmo nunca tendo estudado de fato juntos.

À **DEUS** que é a **BASE DE TUDO** e me presenteou com a melhor família e os melhores amigos do mundo. Sou grata todos os dias pelo cuidado, carinho e **AMOR** que me envolve diariamente.

GRATIDÃO!

SUZANE SOUZA

AO CAUUFCCG...

À Samara (melhores aloprações), Weide (melhor vizinho), Stéphane, Carla (melhor comissão de formatura), Allyson (melhor mentor), Leticia, Apoenna, Alana, (melhor segura o tham), Nicole, Jordana (melhor trio), Arielly (melhor gargalhada), Valéria (melhor deboche), Jhonnathas, Emanuell, Carine, Yara, Levy, Daniela, Maria Luísa, Karina, Eldson, Déborah, Ezequiel, Gabriel (melhor turma de Arquitetura do mundo) ...É pra fazer o quê? Até hoje continuo sem saber, mas tenho plena convicção que sem vocês para compartilhar as risadas e os arquivos, as noites viradas estudando e no PP, o ponto em Nilson e os lanches no quiosque, o fardo teria sido muito mais pesado. Gratidão por tornar meus dias muito mais leves e felizes!

À Lívia, Kainara, Mauro, Karla, Natália, Demóstenes, Fabiano, Marcelo, Kaki, Iana, Raoni, Heitor... Ah vocês, além de construir um mundo melhor todos os dias pelo ensino, vocês são os encorajadores, às vezes injeção de ânimo que falta, o empurrão final e o inicial. São psicólogos, peritos na arte de escutar, e resolver problemas. São paciência e compreensão por nos ouvir até mesmo nos dias e horários mais inconvenientes. Educar é um dom e os professores do CAU, demonstram dia após dia que não exercem a profissão, a vivem passionadamente e isso transborda muitas vezes pelo brilho no olhar e prazer demonstrado ao lecionar. Gratidão pelos ensinamentos diários - em especial ao meu orientador Mauro, por me dar espaço quando eu precisei e me resgatar no momento certo, pela leveza das orientações, paciência inesgotável e incentivo constante - obrigada por transbordar esse amor pelo Urbanismo e fazer com que eu me apaixonasse ainda mais por ele nesse período.



GRATIDÃO!

SUZANE SOUZA



“
Eu fui feliz lá no Bodocongó
Com meu barquinho, de um remo só
Quando era lua, com meu bem, remava a toa
Ai, ai, ai que vida boa lá no meu Bodocongó.
”

HUMBERTO TEXEIRA E CÍCERO NUNES, 1966
GRAVADO POR JACKSON DO PANDEIRO, 1979.

RESUMO

O Açude de Bodocongó, importante memória viva da cidade de Campina Grande, ganhou em 2017 um parque ecológico em suas margens em celebração aos 100 anos de sua construção. O mesmo foi fruto de um investimento milionário do governo da Paraíba em parceria com a prefeitura de Campina Grande e desde então sofre críticas principalmente sobre o alto valor investido. Esse trabalho busca então entender mais sobre o perfil dos usuários e programa de necessidades do parque, buscando investigar por meio de análise morfológica e comportamental se o mesmo atende as necessidades dos usuários, estando provido de urbanidade que é uma característica que leva os usuários a se apropriarem do espaço e, conseqüentemente, sua vitalidade, que seria a presença de pessoas em horários diversos utilizando o espaço. Como resultado foi constatado que o parque possui uma vasta variedade de equipamentos para diversas faixas etárias e vem melhorando a qualidade de vida tanto da vizinhança, como dos campinenses como um todo, ao mesmo tempo que precisa de melhorias em sua estrutura física, principalmente manutenção. Assim, espera-se que o trabalho sirva como parâmetro tanto para melhorias no Parque Ecológico de Bodocongó como para outras obras futuras, incentivando cada vez mais o lazer público, tendo em vista que é inegável a importância dos Espaços Livres Públicos na sociedade, pois influencia diretamente nas saúdes física e mental por meio do incentivo às práticas sociais e esportivas, apesar de que muitas vezes encontram-se em falta, escassez e/ou em más condições de uso, repelindo ainda mais os usuários.

Palavras-Chave: Parque Ecológico de Bodocongó, Espaço Livre Público, Urbanidade.

ABSTRACT

In 2017, the Bodocongó weir, an important living memory of the city of Campina Grande, won an ecological park on its margins in celebration of the 100th anniversary of its construction. It was the result of a millionaire investment by the government of Paraíba in partnership with the municipality of Campina Grande and since then, has suffered criticism, mainly about the high value invested. This work seeks to understand more about the users' profile and the park's need program, seeking to investigate by morphological and behavioral analysis if it meets the users' needs, if it's provided with urbanity, which are the good characteristics that lead users to appropriate the space and that consequently leads to vitality, which would be the presence of people at most times using the space. As a result, it was found that the park has a wide variety of equipment for different age groups and has been improving the quality of life in the neighborhood and in Campina as a whole, at the same time that it needs improvements in its physical structure, mainly maintenance. Thus, it is expected that this work will serve as a parameter on improvements in the Bodocongó Ecological Park and for other future public projects, encouraging each day more public leisure, considering the importance of Public Open Spaces in society is undeniable, as it influences directly in physical and mental health by encouraging social and sports practice, despite the fact that it was often predicted of lack, scarcity or poor conditions of use, further repelling users.

Keywords: Bodocongó Ecological Park, Public Open Spaces, Urbanity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: JACKSON DO PANDEIRO,**06**

FONTE: CAPA DO LIVRO JACKSON DO PANDEIRO O REI DO RITMO.

FIGURA 02: MAPA DE LOCALIZAÇÃO PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ - NORDESTE, PARAÍBA E CAMPINA GRANDE,**15**

FONTE: GOOGLE MAPS E GOOGLE EARTH MODIFICADO PELA AUTORA.

FIGURA 03: ILUSTRAÇÃO PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO,**20**

FONTE: COURB.COM

FIGURA 04: LINHA DO TEMPO EVOLUÇÃO DO PAISAGISMO AO LONGO DOS SÉCULOS,**24**

FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

FIGURA 05: ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS COM URBANIDADE X SEM URBANIDADE,**26**

FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

FIGURA 06: ELPr CONDOMÍNIO NO MORUMBI x COMUNIDADE DE PARAISÓPOLIS,**30**

FONTE: TUCA VIEIRA, 2004. PINTEREST.

FIGURA 07: MANCHETE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE BODOCONGÓ, 7 DE NOVEMBRO DE 1936,**36**

FONTE: BLOG CG RETALHOS.

FIGURA 08: INDÚSTRIA TÊXTIL DE CAMPINA GRANDE, 1957,**36**

FONTE: BLOG CG RETALHOS.

FIGURA 09: CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE DA UFCG (CCBS) E CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UEPB. 1970,**38**

FONTE: BLOG CG RETALHOS.

FIGURA 10: AÇUDE DE BODOCONGÓ, DÉCADA DE 50,**39**

FONTE: BLOG CG RETALHOS.

FIGURA 11: VISTA AÉREA FÁBRICA TÊXTIL E AÇUDE DE BODOCONGÓ, DÉCADA DE 50,**39**

FONTE: BLOG CG RETALHOS.

FIGURA 12: CURTUME ANTONIO VILLARIM S.A. 1957,**39**

FONTE: BLOG CG RETALHOS.

FIGURA 13: FÁBRICA TÊXTIL DE BODOCONGÓ, DÉCADA DE 50,**39**

FONTE: BLOG CG RETALHOS.

FIGURA 14: VILA DOS TEIMOSOS, 2013,**41**

FONTE: DEFESA CIVIL CAMPINA GRANDE.

FIGURA 15: CONDOMÍNIO RESIDENCIAL DONA LINDÚ, 2018,**41**

FONTE: INFOABOUTCOMPANIES.COM

FIGURA 16: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS PARQUES DE CAMPINA GRANDE,**43**

FONTE: MAPA SEPLAN (2016) MODIFICADO PELA AUTORA. FOTOS: WIKIPÉDIA.

FIGURAS 17,18,19, 20: PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ,**44**

FONTE: ARQUIVO PESSOAL, 2019.

FIGURA 21: LINHA DO TEMPO OCUPAÇÃO DO AÇUDE DE BODOCONGÓ E ENTORNO IMEDIATO,**45**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA

FIGURA 22: MAPA IMPLANTAÇÃO AÇUDE DE BODOCONGÓ,**46**
FONTE: MAPA SUPLAN MODIFICADO PELA AUTORA.

FIGURA 23: ORGANOGRAMA METODOLOGIA APLICADA,**49**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

FIGURA 24: MAPA IMPLANTAÇÃO 1ª FASE PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ,**55**
FONTE: MAPA SUPLAN MODIFICADO PELA AUTORA.

FIGURA 25: PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO 2ª FASE PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ. (PROPOSTA NÃO EXECUTADA),**56**
FONTE: MAPA SUPLAN MODIFICADO PELA AUTORA.

FIGURA 26: MAPA IMPLANTAÇÃO 2ª FASE PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ. (PROPOSTA EXECUTADA),**57**
FONTE: GOOGLE EARTH MODIFICADO PELA AUTORA.

FIGURA 27: MAPA DE ZONEAMENTO PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ,**59**
FONTE: GOOGLE EARTH MODIFICADO PELA AUTORA.

FIGURA 28: DEPREDações E PICHações PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ,**61**
FONTE: FOTOS ARQUIVO PESSOAL, OUTUBRO 2020.

FIGURA 29: MAPA EQUIPAMENTOS URBANOS E MAPA VIÁRIO ENTORNO BODOCONGÓ,**62**
FONTE: MAPA SEPLAN (2016) MODIFICADO PELA AUTORA.

FIGURA 30: MAPA PERMEABILIDADE. VISTA DE DENTRO DO PARQUE, LIMITES COM O ENTORNO,**63**
FONTE: GOOGLE EARTH MODIFICADO PELA AUTORA. FOTOS: ARQUIVO PESSOAL, OUTUBRO 2020.

FIGURA 31: CORTE TERRENO PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ E TALUDES SUAVIZAÇÃO TOPOGRAFIA,**64**
FONTE: GOOGLE EARTH MODIFICADO PELA AUTORA. FOTO: ARQUIVO PESSOAL, OUTUBRO 2019.

FIGURA 32: FOTOS VISTA OBSERVADOR PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ,**65**
FONTE: GOOGLE EARTH MODIFICADO PELA AUTORA. FOTOS ARQUIVO PESSOAL, OUTUBRO 2020.

FIGURA 33: NUVEM DE PALAVRAS SOBRE O QUE MAIS GOSTAM NO PARQUE,**73**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

FIGURA 34: NUVEM DE PALAVRAS SOBRE O QUE NÃO GOSTAM NO PARQUE,**74**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

FIGURA 35: NUVEM DE PALAVRAS SOBRE POSSÍVEIS MELHORIAS NO PARQUE,**75**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

FIGURA 36: PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ ANTES DA PANDEMIA,**77**
FONTE: ARQUIVO PESSOAL, 2019/2020.

FIGURA 37: PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ DURANTE A PANDEMIA,**80**
FONTE: ARQUIVO PESSOAL, OUTUBRO 2020.

FIGURA 38: DIRETRIZES PÓS-PANDEMIA,**83**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

GRÁFICO 01: CARACTERÍSTICAS PARA UM ÓTIMO ELP,**28**
FONTE: PROJECTFORPUBLICSPACES.ORG

GRÁFICO 02: BAIRROS DOS USUÁRIOS,**66**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 03: ATIVIDADES EXERCIDAS PELOS USUÁRIOS,**66**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 04: FAIXA ETÁRIA DOS USUÁRIOS,**67**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 05: GÊNERO DOS USUÁRIOS,**67**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 06: RENDA DOS USUÁRIOS,**67**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 07: ESCOLARIDADE DOS USUÁRIOS,**67**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 08: RAÇA DOS USUÁRIOS,**67**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 09: COMPANHIA DOS USUÁRIOS,**67**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 10: FREQUÊNCIA SEMANAL DOS USUÁRIOS,**68**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 11: FREQUÊNCIA DOS USUÁRIOS,**69**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 12: FREQUÊNCIA SEMANAL DOS USUÁRIOS,**69**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 13: PERMANÊNCIA DOS USUÁRIOS,**69**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 14: NÍVEL DE SATISFAÇÃO ACESSO AO PARQUE,**70**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 15: NÍVEL DE SATISFAÇÃO INFRAESTRUTURA DO PARQUE,**70**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 16: NÍVEL DE SATISFAÇÃO CONFORTO AMBIENTAL,**70**
DO PARQUE.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 17: NÍVEL DE SATISFAÇÃO SEGURANÇA DO PARQUE,**70**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 18: NÍVEL DE SATISFAÇÃO LIMPEZA/ CONSERVAÇÃO,**70**
DO PARQUE.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

GRÁFICO 19: NÍVEL DE SATISFAÇÃO GERAL DO PARQUE,**71**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

TABELA 01: PROGRAMA DE NECESSIDADES PARQUE ECOLÓGICO
DE BODOCONGÓ,**58**
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|-------------|--|
| APP | ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE |
| CCBS | CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE |
| CITTA | CENTRO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA TELMO ARAÚJO |
| COVID-19 | CORONAVIRUS DISEASE 2019 |
| ELP | ESPAÇO LIVRE PÚBLICO |
| ELPr | ESPAÇO LIVRE PRIVADO |
| IBGE | INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA |
| IPELSA | INDÚSTRIA DE CELULOSE E PAPEL DA PARAÍBA S/A |
| NBR 9050 | NORMA BRASILEIRA 9050 |
| OMS | ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE |
| PREMOL | INDÚSTRIA DE PRÉ-MOLDADOS S/A |
| Prima | PROGRAMA DE INCLUSÃO ATRAVÉS DA MÚSICA E DAS ARTES |
| ROVISA- S/A | REFINARIA DE ÓLEO VEGETAL S/A |
| SEPLAN | SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GESTÃO E TRANSPARÊNCIA DE CAMPINA GRANDE |
| Sine | SISTEMA NACIONAL DE EMPREGO |
| SUPLAN | SUPERINTENDÊNCIA DE OBRAS DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO |
| UBS | UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE |
| UEPB | UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA |
| UFCG | UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE |
| UFPB | UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA |
| UPS | UNIDADE DE POLÍCIA SOLIDÁRIA |



SUMÁRIO



1. INTRODUÇÃO, 14

**2. REFERENCIAL
TEÓRICO, 18**

**3. OBJETO
DE ESTUDO, 34**

**3.1 O AÇUDE DE BODOCONGÓ E SEU
ENTORNO IMEDIATO, 35**

**3.2 O PARQUE ECOLÓGICO
DE BODOCONGÓ, 41**

4. METODOLOGIA, 47

**5. RESULTADOS
E DISCUSSÕES, 52**

6. CONCLUSÃO, 84

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS, 87**

APÊNDICE, 93

ANEXO, 98



1 INTRODUÇÃO.
"COM MEU BARQUINHO DE UM REMO SÓ..."
"COM MEU BARQUINHO DE UM REMO SÓ..."
"COM MEU BARQUINHO DE UM REMO SÓ..."

1. INTRODUÇÃO

O Espaço Livre Público (ELP) é de suma importância para o funcionamento da cidade, nele ocorrem relações interpessoais relacionadas as atividades como passear, brincar, contemplar, etc. Porém, apenas a existência dele não garante a sua utilização e apropriação pela população, vários são os fatores que motivam as pessoas a saírem de suas residências em busca de momentos de lazer ao ar livre nos espaços livres públicos.

No contexto atual, especialmente nas cidades brasileiras, nota-se a falta, escassez e/ou abandono de ELP e áreas destinadas ao uso e lazer público, o que acaba por desestimular ainda mais a apropriação do espaço pela população. Isso também ocorre em Campina Grande. No entanto, buscando melhorias na qualidade de vida da população campinense e ribeirinha local, em 2017, ano em que o Açude de Bodocongó completou 100 anos de construção, a Rainha da Borborema foi contemplada com o projeto do Parque Ecológico de Bodocongó, um importante ELP situado às margens de um dos marcos da cidade: o Açude de Bodocongó. O mesmo está localizado na Zona Oeste da segunda cidade mais populosa do Estado da Paraíba, com população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano 2019 em 409.731 pessoas.

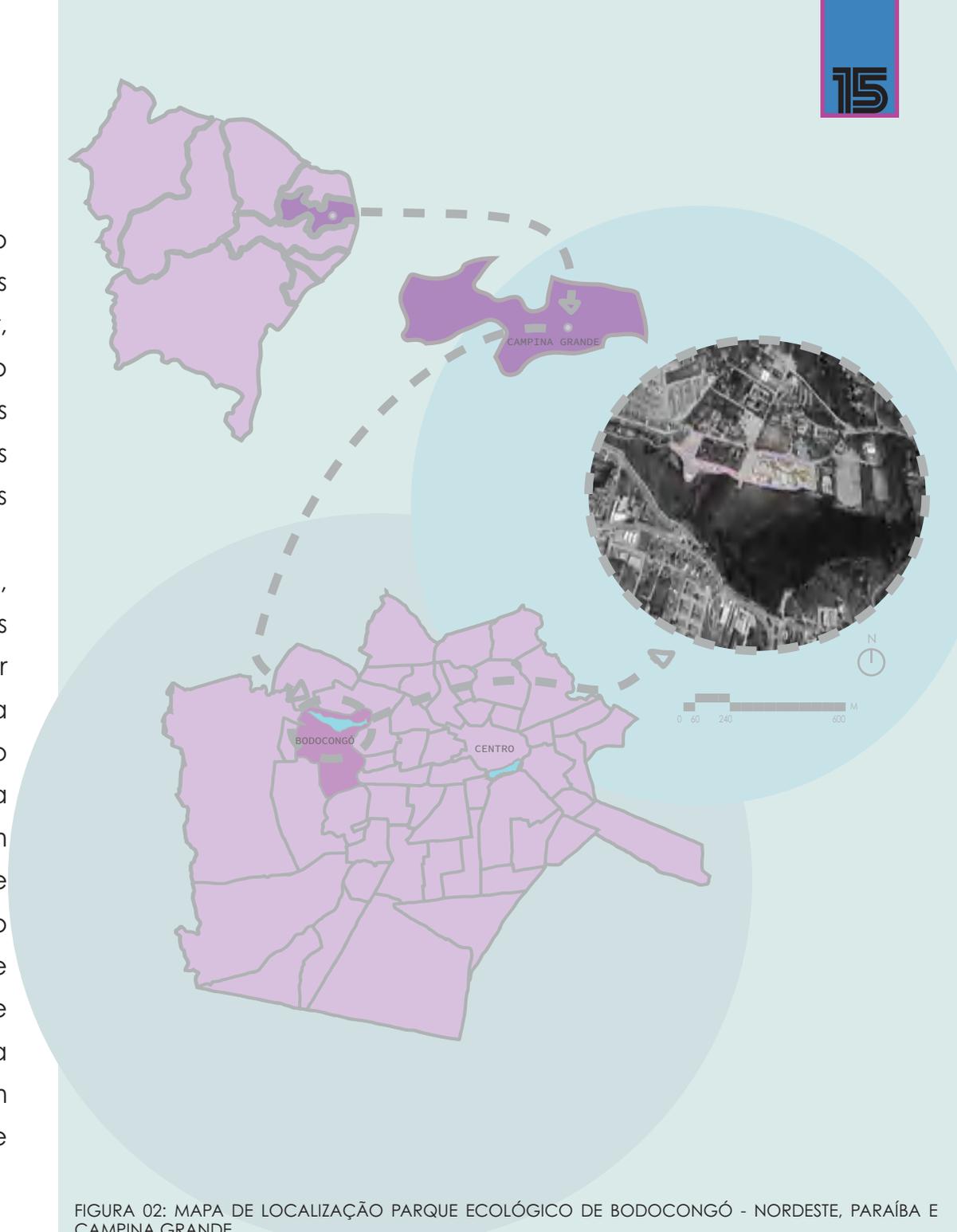


FIGURA 02: MAPA DE LOCALIZAÇÃO PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ - NORDESTE, PARAÍBA E CAMPINA GRANDE.
FONTE: GOOGLE MAPS E GOOGLE EARTH MODIFICADO PELA AUTORA.

A obra foi um investimento do governo da Paraíba em parceria com a prefeitura de Campina Grande e custou cerca de 35 milhões, sendo realizada em duas etapas de construção (2017 e 2018). O projeto urbanístico foi assinado pela arquiteta paraibana Sandra Moura e visou o resgate histórico da área, tomando partido do potencial paisagístico do açude, importante memória viva local que impulsionou o surgimento do primeiro polo industrial da cidade em suas redondezas e continua sendo um dos cartões-postais assim como ponto de referência da população, ainda que por anos negligenciado pelas autoridades, ocasionando o acúmulo de dejetos e poluição de seu corpo d'água.

O Parque Ecológico de Bodocongó ao mesmo tempo que dispõe de um caráter contemporâneo voltado para o lazer ativo, principalmente esportivo, possui áreas também de lazer passivo, como de contemplação e convivência. Seu projeto buscou, por meio da variedade de equipamentos, atrair o público de diferentes grupos e faixas etárias. Porém, pelo seu alto investimento questiona-se se o parque atende as demandas da população tendo em vista que ainda é pouco utilizado, muitos nem tendo conhecimento inclusive da sua existência.

O **objetivo geral** do trabalho é: obter um maior entendimento acerca do funcionamento e da utilização do Parque Ecológico de Bodocongó, verificando se o seu projeto é bem sucedido em atender as necessidades dos usuários, utilizando como **metodologia** técnicas de análises morfológica e comportamental com aplicação de 90 questionários *in loco* e *online*, além de entrevistas, análise de fotos, mapas e plantas baixas. Com isso, espera-se que esse trabalho contribua para entender o perfil dos seus usuários, a frequência de utilização e as suas atividades desenvolvidas, além de avaliar a eficiência do seu programa de necessidades para constatar se o parque atende as necessidades sociais, e promove o bem-estar dos moradores que o utilizam. Por fim, espera-se também que este trabalho possa disponibilizar informações a todos aqueles envolvidos na produção deste parque para que possam o utilizar como parâmetro para futuras obras públicas ou manutenção das antigas.

Este trabalho está organizado em seis capítulos. Após a contextualização geral e **introdução** (Capítulo 1), vem o **referencial teórico** (Capítulo 2), que aprofunda-se nas temáticas sobre espaços livres, parques, apropriação, urbanidade e vitalidade, entre outros assuntos pertinentes a pesquisa, e procura compreender quais são os fatores que levam as pessoas a apropriarem-se do espaços, as conexões estabelecidas entre esses lugares e as pessoas que dele se utilizam. O capítulo seguinte (Capítulo 3) apresenta o **objeto de estudo**: o Parque Ecológico de Bodocongó além do bairro e açude em que se insere, a partir de seu surgimento até os dias atuais. Logo após, há uma descrição de todo o **percurso metodológico** desta pesquisa (Capítulo 4), assim como de todos os procedimentos aplicados em cada etapa de análise metodológica. Em seguida, o trabalho traz os **resultados e discussões** (Capítulo 5) sobre os resultados obtidos, provenientes da aplicação do método na área de estudo e recomendações de melhorias do espaço estudado assim como gerais. Por fim, tem-se a apresentação das **conclusões finais** (Capítulo 6).

TEÓRICO = FÉIS



Jan Gehl Cidades Para Pessoas

2



2. REFERENCIAL TEÓRICO

"A vida na cidade e o espaço público, historicamente, foram tratados como uma unidade coesa. As cidades medievais cresciam aos poucos, conforme as necessidades, em contraste com o ritmo rápido do planejamento em larga escala do modernismo." (GEHL e SVARRE, 2013, p.3).

Enquanto na Idade Média, as cidades cresciam de maneira orgânica, levando em consideração as relações entre a vida e o espaço construído (GEHL e SVARRE, 2013), a modernidade trouxe consigo inúmeras facilidades para a humanidade, como o encurtamento de distâncias pelos meios de transporte e telecomunicação, acessibilidade à informação e aumento na expectativa de vida com a maior eficiência no tratamento de doenças. Isso provocou um aumento populacional e expansão da mancha urbana. No entanto, por outro lado, a partir da exploração do capital, levou também a formação de uma sociedade consumista e imediatista, o que ocasionou acumulação de riquezas de uns e a segregação e marginalização de outros.

As cidades espraiaram-se, a maioria sem planejamento, e sem se preocupar com a escala humana, "numa sequência que prioriza os edifícios, depois os espaços e talvez um pouco a vida." (GEHL, 2013, p. 198).

Os automóveis foram tomando conta do espaço e os pedestres

por sua vez, foram "escanteados" e deixaram de ser o foco principal na vida contemporânea. O movimento, o ritmo frenético, a velocidade, a fluidez, a necessidade de se chegar mais longe em um menor espaço de tempo a fim de obter resultados mais rápidos e mais eficazes, é uma das premissas do capitalismo onde "tempo é dinheiro." Percebe-se que há uma valorização da exploração do tempo para obtenção do capital, deixando de lado a qualidade desse tempo, esse recurso tão valioso e tampouco renovável.

O urbanismo contemporâneo tenta diminuir o enrijecimento urbano desta nova configuração, onde automóveis estão no foco da cidade, em contraposição às necessidades reais de espaço dedicado aos pedestres e ciclistas. "Especialmente em décadas recentes, muitas áreas urbanas pelo mundo tiveram que se esforçar para criar melhores condições para pedestres e para a vida urbana, dando menor prioridade ao tráfego de automóveis" (GEHL, 2013, p. 4).

Dentre as estratégias de melhoria dos espaços urbanos, há a qualificação dos **Espaços Livres Públicos (ELP)**, os quais podem ser classificados, segundo Lamas (2004), como espaços de circulação ou de permanência e socialização. Os espaços de circulação referem-se, especificamente, às ruas, passeios, vielas e becos, aos lugares que promovem a mobilidade das pessoas e veículos na cidade.

Por sua vez, os **espaços de permanência** são aqueles que permitem o desenvolvimento de atividades que necessitam de apoio físico do local - como descansar, brincar e jogar - e são, principalmente, representados por praças, parques, campos, jardins, lagos, praias, rios e '*promenades*'. (QUEIROGA, 2011).

Uma vez que, muitas vezes, os ELP surgem a partir de espaços residuais da malha urbana, não planejados adequadamente, o resultado são áreas desintegradas dos demais espaços livres, sem uma lógica concreta e sem integrar um sistema na cidade. Segundo Queiroga e Benfatti (2007), os **espaços livres urbanos** tendem a formar um **sistema** e apresentar, sobretudo, relações de conectividade, complementaridade e hierarquia. Entre seus múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão a circulação, a drenagem, atividades do ócio, convívio público, marcos referenciais, memória, conforto e conservação ambiental. Assim, o sistema de espaços livres de cada cidade apresenta então um maior ou menor grau de planejamento e projeto, dependendo do maior ou menor interesse da gestão pública. Infelizmente a preocupação com a importância do espaço público tende a ser decrescente de acordo com o nível socioeconômico do país, isso quer dizer que quanto mais subdesenvolvido o país for, maiores as chances de se ter

menos ELP, conseqüentemente menos integrados e menos pensados como um sistema em consonância com o edificado.

Segundo o professor de planejamento urbano da FAUUSP, João Ferreira (2000), pode-se dizer que a produção do espaço nas cidades antagônicas da periferia da globalização segue cada vez mais um parâmetro de segregação social em que as elites dominantes determinam sua conformação, excluindo abertamente as camadas populares, processo no qual Flávio Villaça (1999a) chama de **gentrificação**, que nada mais é o interesse privado modificando a cidade com melhorias e apoiado no respaldo de "obras que beneficiam a todos", mas que, na verdade, beneficia, em sua maioria, a parcela mais rica da população, pois com a especulação imobiliária, os antigos moradores da região já não tem como se manter por lá buscando, cada vez mais, áreas periféricas para se alojarem.



FIGURA 03: ILUSTRAÇÃO PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO
FONTE: COURB.COM

Dentro da gentrificação há ainda um subconceito definido por Gould e Lewis (2016) como **gentrificação verde**:

"Situamos o conceito de gentrificação verde dentro de amplos processos sociais que produzem e reproduzem a desigualdade na sociedade. Usamos o termo gentrificação verde para descrever um subconjunto de gentrificação urbana. O processo de gentrificação verde é iniciado por iniciativas ecológicas que criam ou restauraram amenidades ambientais. As amenidades ambientais atraem grupos mais ricos de residentes e expulsam os residentes de baixa renda, criando a gentrificação verde." (GOULD e LEWIS, 2016, p.4 *apud* TORRES, 2017)

Para os autores, é fundamental a distinção entre o processo clássico de gentrificação do que resulta de projetos ecológicos/sustentáveis para uma localidade. No caso da gentrificação verde, são esses projetos sustentáveis que levam à gentrificação em um território (TORRES, 2017). Isso ocorre principalmente com a recuperação de ecossistemas, construção de parques e praças, os quais levam os antigos moradores a se mudarem seja por força do Estado, pelas remoções e relocações, ou pela força do mercado imobiliário que, com a valorização local, deflagra preços insustentáveis para os antigos moradores. Esse é um dos impactos negativos das requalificações que ainda é pouco discutido, mas muitas vezes, agrava ainda mais a marginalização e segregação urbana.

Desde o surgimento da humanidade, a paisagem esteve presente e funcionou como elemento estruturador e influenciador da vida na Terra. No período Paleolítico (até 10000 a.C.), o Homem a utilizava como abrigo e por meio da coleta e caça para sua subsistência. Com a Revolução Neolítica (5000 a.C.), o Homem deixou de ser nômade e passou a ser sedentário, conseguindo dominar técnicas de agricultura e domesticar alguns animais. Com a Antiguidade, surgem os demais elementos estruturadores da paisagem, tais como: jardins, praças e parques, e as civilizações vêm modificando quanto a sua forma e uso ao longo dos anos.

Os **jardins** eram utilizados inicialmente para o cultivo de frutas, legumes e flores para subsistência e para celebração de rituais, sendo instalados no interior ou no entorno de palácios, em áreas planas ou em patamares. Os jardins compuseram a paisagem de diversas civilizações (como a grega, romana, persa e egípcia) e foram um instrumento importante para a esfera política e econômica. Um de seus exemplares mais famosos foi o Jardim Suspensos da Babilônia (605-652 a.C.), construído pelo rei Nabucodonosor em oferecimento a sua esposa, foi considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo pelo fato de representar uma ousada obra de engenharia, pois era composto por uma sucessão de terraços irrigados.

O **parque**, assim como a **praça**, surgiu com a cidade, há 3.500 anos a.C., sendo reconhecido como um lugar de prática esportiva, militar, assembleia e celebração. Tinha a conotação de autoridade, poder e riqueza e situava-se nas imediações dos palácios dos reis e da aristocracia do antigo Egito e das antigas Pérsia, Assíria, Índia, Grécia e Roma.

Já no século XVII, torna-se instrumento exclusivo da aristocracia, principalmente na Inglaterra e França. Simbolizava o poder, pois quanto maior e mais imponente o jardim ou parque, maior o status social. Dentre os motivos que levaram ao seu surgimento, foi a necessidade da prática de esportes. A palavra 'parque' originalmente significa "campo de caça", uma das principais atividades esportivas da aristocracia.

No século XIX, inspirado no Movimento Higienista, passa a ser o espaço para recreação e uso comunitários, isso em plena Revolução Industrial, quando a população das grandes urbes tinha disparado e uma altíssima porcentagem dos cidadãos estava marcada por um baixo nível de qualidade de vida, de condições insalubres, e por um acesso muito restrito às áreas arborizadas ou com vegetação. Houve então a necessidade de higienizar as cidades e promover a melhoria na qualidade de vida (IBERDROLA, 2020).

Surge assim o conceito de **parque urbano** que, segundo (KLIASS, 1993, p. 19), "são espaços públicos com dimensões

significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinado à recreação." Já, segundo Lima (1994, p. 15), parque urbano "é uma área verde, com função ecológica, estética e de lazer, entretanto com uma extensão maior que as praças e jardins públicos." Para o autor, os espaços livres desempenham funções importantes em uma cidade, como a estética, social e ecológica. Destacam-se nesse contexto, as contribuições ecológicas, pois, à medida que os elementos naturais compõem esses espaços, minimizam os impactos decorrentes da urbanização e da industrialização.

Pode-se dizer então que o conceito de parque urbano é bastante diversificado, pois, procurando revelar as principais características do espaço público e do seu entorno imediato, destacam diferentes aspectos como: a dimensão, a função, o tipo e a quantidade de equipamentos necessários para configurá-lo. Nesse sentido, afirma Bartalini (1996, p. 129): "as diferenças de dimensões, formas de tratamento, funções e equipamentos que apresentam impedem que eles (os parques) se encaixem numa definição precisa", pois os processos de transformação da economia, das relações sociais, da política, entre outros, sofridos pela sociedade refletem sobre o traçado, forma e função desse espaço livre seja público ou privado, acarretando modificações e características diversas. Apesar disso,

possuem alguns pontos em comum como o fato de terem surgido dentro da lógica “espinha dorsal” que distribui, liga, delimita, articula e orienta os seguintes elementos propostos para o parque: eixos, vegetação e água, considerando as características físico-geográficas do sítio desse espaço livre público projetado, além dos eixos viários e as edificações monumentais do seu entorno (FREITAS, 2006).

De campos de caça da aristocracia no século XIX à espaços livres públicos sensoriais, a partir do século XX os parques urbanos tornaram-se, antes de tudo, funcionais, pois a vegetação existente exerce uma influência positiva para a melhoria do clima urbano, na purificação e refrigeração do ar, no abrigo a fauna, além de favorecer ao reconhecimento de novos habitats para uma variedade de espécies, na manutenção das propriedades de permeabilidade, fertilidade do solo e no amortecimento de ruídos (BOVO e AMORIM, 2009). Os parques foram também designados como esportivos, de conservação de recursos naturais, típicos dos parques ditos ecológicos, além de lazer sinestésico dos brinquedos eletrônicos, mecânicos e dos espaços cenográficos dos parques temáticos. Essas funções requalificam os parques e novas denominações, novos adjetivos, são atribuídos a eles como, por exemplo, parque temático e **parque ecológico** (MACEDO e SAKATA, 2010). Este último atribuído ao objeto de estudo deste trabalho.

“O parque ecológico objetiva prioritariamente a conservação desse ou daquele recurso ambiental, como um banhado ou um bosque. E, paralelamente, possui áreas muito concentradas, voltadas para atividades de lazer ativo como jogos e recreação infantil, ao lado de áreas voltadas para o lazer passivo como caminhadas por trilhas bucólicas e esparsas. Esse tipo de parque torna-se popular na década de 1980, podendo ser encontrado em muitos lugares pelo país afora” (MACEDO e SAKATA, 2010, p. 13).

No caso do Parque Ecológico de Bodocongó, o objetivo de sua construção foi a revitalização e valorização do Açude de Bodocongó, por meio da construção de um espaço de lazer para a população, preservando essa importante memória viva da cidade de Campina Grande, até então esquecido pelos governantes e subutilizado pela população. O Brasil, até o início do século XIX, possuía poucos exemplos relevantes de paisagem planejada, pois, diferentemente das motivações higienistas de outros países para o surgimento dos parques urbanos, aqui, eles surgiram por mera influência europeia, principalmente pelo fato de que na época a densidade populacional urbana ainda era muito baixa e a industrialização só chegaria no início do século XX. Buscava-se a sensação de prosperidade e imponência que os parques traziam e, com isso, os primeiros parques surgem como uma repetição dos modelos internacionais ingleses e franceses (SCOCUGLIA, 2009).

linha do tempo

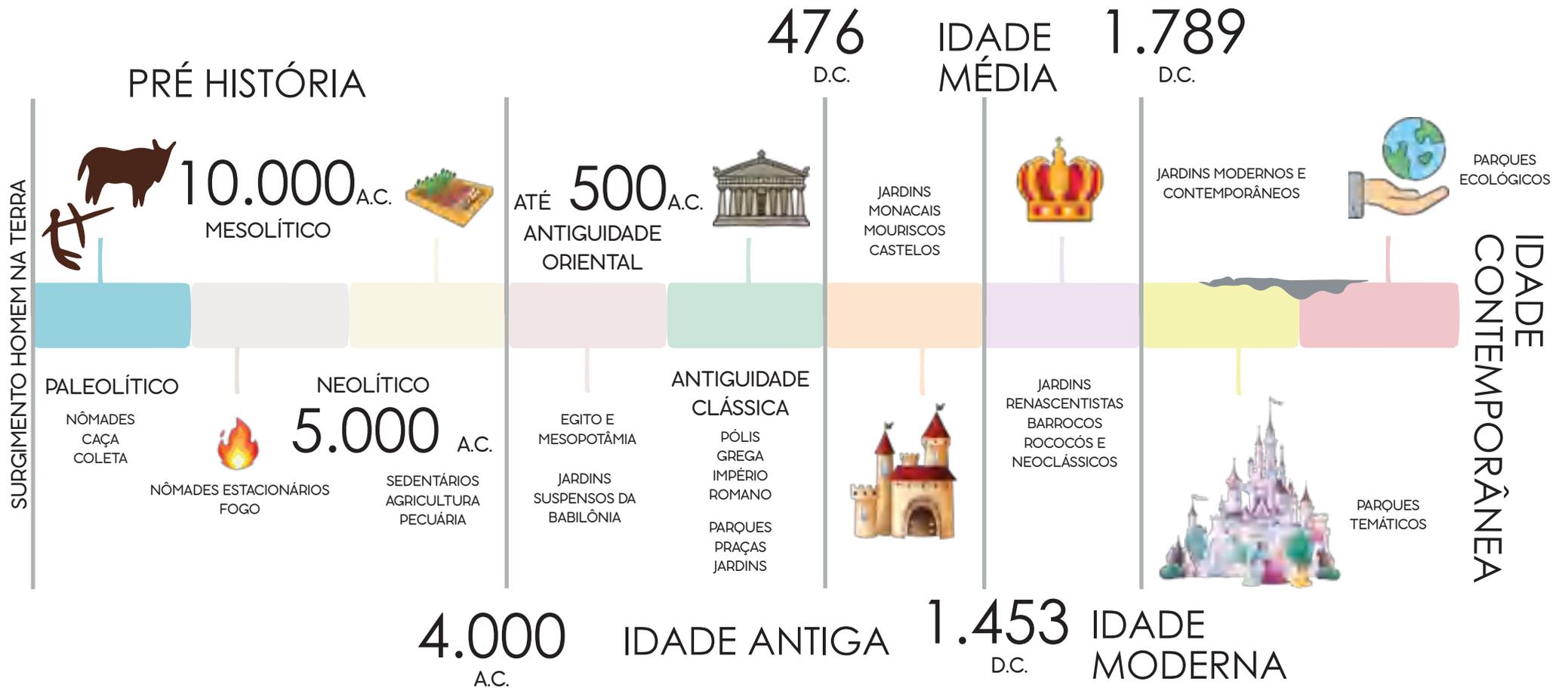


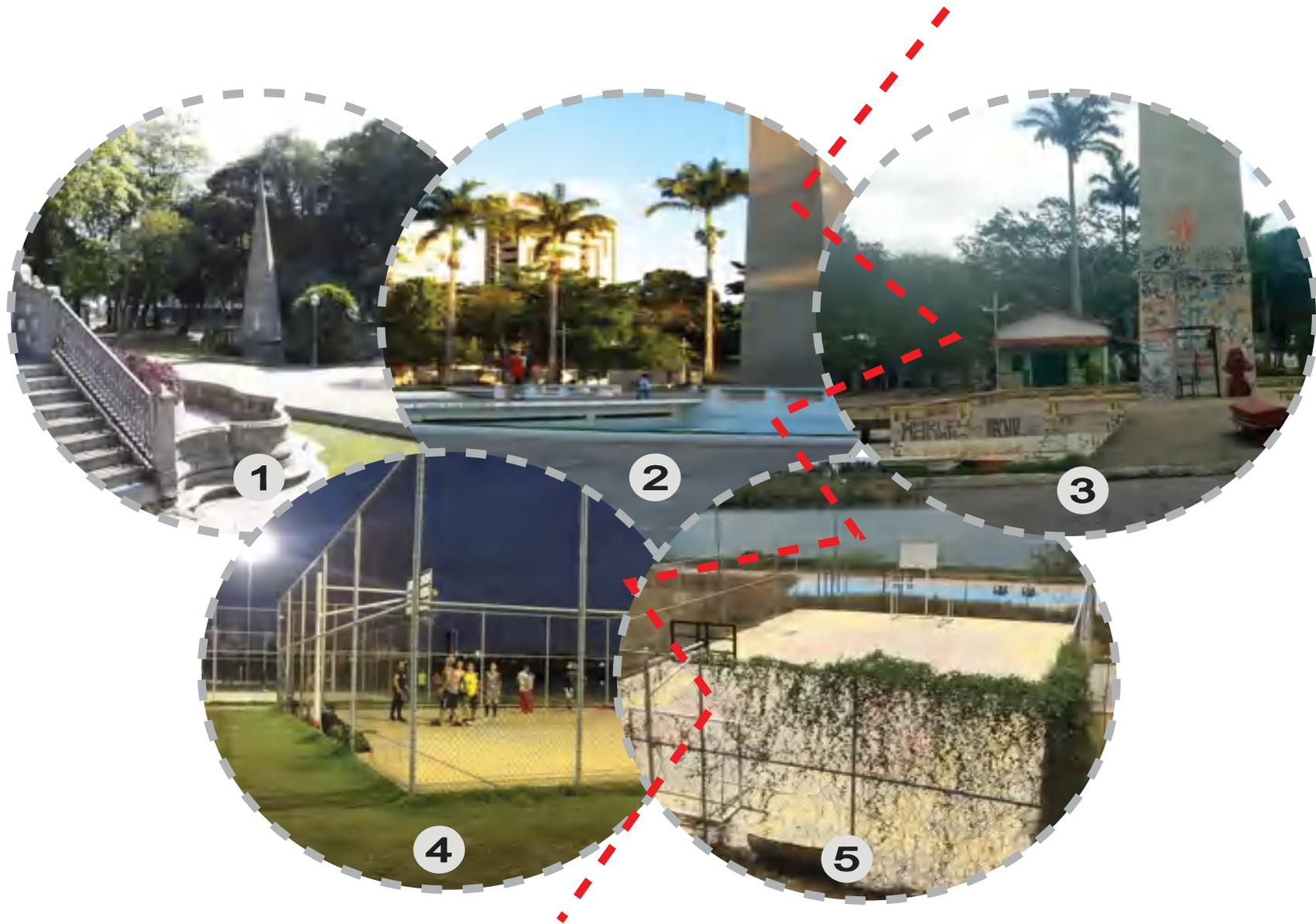
FIGURA 04: LINHA DO TEMPO EVOLUÇÃO DO PAISAGISMO AO LONGO DOS SÉCULOS.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

Com a chegada da família real portuguesa em 1808, o Rio de Janeiro, antiga capital do Brasil, passou por uma reestruturação de pavimentação e alargamento de estradas, saneamento e abastecimento de água potável. No Brasil, o Movimento Higienista (incentivado pela grande urbe industrial) foi diferente do de outros países desenvolvidos. Aqui, basicamente, o investimento foi em infraestrutura a fim de melhorar as condições do Rio de Janeiro para alocar a corte portuguesa e embelezar a cidade para as novas funções administrativas da capital. Com isso, praças e parques também foram construídos, ainda que remontando modelos do Velho Mundo e estando localizados sempre em áreas centrais, e em bairros elitizados. Esse padrão, posteriormente, se repetiu em outras grandes cidades do Brasil e, de forma geral, até hoje (MACEDO, 2003).

Pioneiro absoluto na América Latina, por ser destinado ao uso público já no século XVIII, o Passeio Público do Rio de Janeiro (FIGURA 05-1) foi projetado pelo Mestre Valentim e construído em 1783. Ele tinha jardins imponentes inspirados na escola francesa com chafarizes, esculturas e monumentos. Porém especialistas afirmam que o primeiro parque brasileiro foi executado em Recife, por ordem do conde Maurício de Nassau durante a invasão holandesa na primeira metade do século XVII. O Parque de Friburgo (1639) possuía jardim de características renascentistas, que embelezava o palácio de mesmo nome (LEEANHARDT, 1994, p. 63 *apud* FREITAS, 2006).

Em Campina Grande, o primeiro parque só foi inaugurado no final da década de 1970, impulsionado pelo Governo Federal que incluiu o município no Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI), com objetivo de orientar o planejamento urbano, propiciar o desenvolvimento do município e sua região e corrigir os setores com maiores problemas da cidade (FERNANDES, 2011, p.13). O Parque do Açude Novo, inaugurado em 31 de janeiro de 1976, recebeu este nome pela localização no aterro do antigo açude, construído em 1830 para abastecimento da cidade e bacia hídrica até 1974, quando ocorreu sua drenagem em preparação para o projeto do novo parque, que incluiria espaços para crianças e um museu de arte. Apenas com a morte de Evaldo Cruz, em 1985, foi intitulado o nome do ex-prefeito idealizador para a área, tornando-se Parque Evaldo Cruz. Porém, este parque continua sendo popularmente conhecido pelo antigo nome (ALBINO *et al.*, 2015).

O Parque do Açude Novo (FIGURA 05-2) foi muito frequentado por famílias na década de 80 e 90, mas, com passar dos anos, foi entrando em desuso, estando hoje praticamente em estado de abandono (FIGURA 05-3). Isso leva a outra discussão também analisada no Parque Ecológico de Bodocongó, o que leva o espaço a ser um bom espaço, bem aproveitado e utilizado pela população?



LEGENDA

- 1 PASSEIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. FONTE: O GLOBO / MARCOS TRISTÃO
- 2 AÇUDE NOVO PRÉ - ABANDONO. FONTE: QUAPA.FAU.USP.BR/PARQUE-AO-AVESSO
- 3 AÇUDE NOVO PÓS - ABANDONO. FONTE: PARAIBAONLINE.COM.BR/2021/01
- 4 PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ ANTES DA PANDEMIA. FONTE: ARQUIVO PESSOAL, 2019.
- 5 PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ DURANTE A PANDEMIA. FONTE: ARQUIVO PESSOAL, 2020.

FIGURA 05: ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS COM URBANIDADE X SEM URBANIDADE. FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

Para a organização *Projects for Public Spaces*, o projeto urbano será bem sucedido e logrará em um ótimo espaço público se atender à quatro macro conceitos: (1) **Sociabilidade**; (2) **Usos e Atividades**; (3) **Acessos e Ligações**; e (4) **Conforto e Imagem**. (GRÁFICO 01).

Estes conceitos estão intimamente ligados a outros subconceitos, e servirão de base para a análise do Parque Ecológico de Bodocongó.

1- A **Sociabilidade** está ligada ao fato do local promover a interação social entre os usuários, estando atrelado a esse ponto a diversidade de usos, a interatividade entre o local e as pessoas entre si, o acolhimento, a vizinhança, a cooperatividade, assim como o número de mulheres, crianças e idosos utilizando o espaço por transmitir uma maior sensação de segurança além do engajamento social e a vida urbana inclusive no período da noite.

2- Os **Usos e as Atividades** estão ligados ao fato do local ser divertido, ativo, com fluxo variado de pessoas o que torna o local vital, especial e útil para os usuários, além do fato de ser sustentável e de celebração agrega pontos a mais na percepção de um bom lugar para os visitantes.

3- Os **Acessos e as Ligações** dizem respeito à proximidade com outros equipamentos, às conexões e à continuidade. E também a leitura que o espaço proporciona, se é caminhável, conveniente, acessível, se possui estacionamento, permitindo o acesso pelos mais diversos

tipos de modais de transporte, e se possui atividade de pedestres e ligação com demais pontos importantes da cidade.

4- O **Conforto e a Imagem** dizem respeito a como as pessoas se sentem ao frequentar o lugar, de acordo com a sensação que o lugar transmite, se é seguro, caminhável, verde, arborizado, limpo, se tem equipamentos para o descanso como bancos, mesas, cadeiras, redes, se tem lugares sombreados de permanência, se tem ligação com o espiritual ou te faz sentir mais conectado com ele, se é charmoso, acolhedor, possui perfil histórico, é atrativo, ou seja se tem estatísticas baixas de crime, se tem infraestrutura sanitária, se é bem conservado e possui ligação com o meio ambiente.

Todos esses quesitos influem sobre a **presença** e a **copresença** de pessoas. Esta última ocorre quando em um espaço se fazem presentes duas ou mais realidades diferentes. Assim, para Lévy e Lussault (2003), nesses espaços há um conjunto e/ou uma agregação de realidades diferentes que torna possível a interação. A copresença pode ser potencializada por meio da mobilidade das pessoas e/ou das tecnologias digital-virtuais. Segundo os autores, na copresença, o grau de distância é zero e essa distância é avaliada conforme o grau de interação (LÉVY e LUSSAUT 2003 *apud* BACKES *et al.*, 2017).

What Makes a Great Place?



Project
for Public
Spaces

Os parques fazem parte da **paisagem urbana** que, de acordo com Cullen (1983), é a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano. Para Cullen (1983), aos parques são espaços urbanos interiores caracterizados pelo sossego e a tranquilidade, em que o vai e vem das ruas não é tão notado. A praça (ou recinto, ou pátio) tem escala humana e geralmente é um espaço pontuado por árvores e bancos, que permitem descanso e contato humano (CULLEN, 1983 *apud* ADAM, 2008). Esses espaços, por si só, não garantem a utilização e identificação dos usuários com o meio. Como mostra o gráfico 01, a sociabilidade, os acessos, as conexões, os usos, as atividades, o conforto e a imagem do sítio contribuem diretamente na apropriação do espaço pelos usuários. Essa **apropriação** - utilização efetiva dos usuários, além do sentimento de pertencimento ao sítio - promove ainda, segundo Cullen (1983), a ocupação do território mais especificamente devido às condições aprazíveis do local tais como sombra, abrigo, conveniência, mobiliário. Outra característica importante dos parques é a **urbanidade**, que é definida por Aguiar (2012) como aquelas características - boas ou más - que vêm da cidade, desde a escala do edifício até a escala da cidade, ou seja, refere-se “a uma cidade ou lugar que acolhe ou recebe as pessoas com civilidade, polidez e cortesia. Ou, na mão contrária, “(...) estaríamos nos referindo

a situações destituídas dessas características positivas (...) mas que evidenciam hostilidade às pessoas ao corpo” (AGUIAR, 2012, p. 63 *apud* MELO, 2017). Portanto, no geral, o local deve ser estimulante à ocupação pela população, a isso se resume a urbanidade e essa por sua vez, promove a **vitalidade** do sítio, que seria a existência frequente e diversa de usuários utilizando o espaço, a ocupação efetiva e regular do espaço.

Por outro lado, a marginalização e segregação social, além da falta de urbanidade e vitalidade, tende a privatização dos espaços livres, gerada principalmente a partir da segunda metade do século XX, seja pela propagação de condomínios horizontais e verticais ou espaços de lazer privados, chamados de **Espaços Livres Privados (ELPr)** que, buscam uma maior segurança, conforto e exclusividade. Segundo Silva e Barros Filho (2014), os ELPr compreendem as áreas de terrenos particulares (lotes, quadras e glebas) não ocupadas por edificações cujo acesso é controlado, sendo utilizados por um grupo de moradores/ usuários com características e interesses específicos. Tais espaços são utilizados para diversos fins (jardins, lazer, prática de esportes, etc.)(FIGURA 06). Temos então, de um lado, o aumento no número de ELPr e, de outro, a falta, a escassez e/ou o descaso com alguns ELP que se encontram muitas vezes sem manutenção, o que acaba desestimulando sua utilização e apropriação pelos usuários.



FIGURA 06: ELP: CONDOMÍNIO NO MORUMBI x COMUNIDADE DE PARAISÓPOLIS.
 FONTE: TUCA VIEIRA, 2004. PINTEREST.

Sobre alternativas do urbanismo que promovem essa aproximação entre os usuários e o espaço, possibilitando o fortalecimento dos ELP e quebrando as imposições que geralmente acontecem de governos e instituições responsáveis que não levam em conta a opinião da população, temos o que conhecemos como **“Bottom Up Urbanism”** em detrimento do **“Top Down Urbanism”** (SABATIER, 1986 *apud* PISSOURIOS, 2014). Sendo o primeiro a (re)apropriação do espaço urbano pelos próprios usuários, os quais realizam intervenções na micro escala que podem provocar impactos na macro escala urbana. Alguns exemplos já observados tiram proveito do apelo visual

como pintura de solo, a fim de demarcar espaços, implementação de áreas de convivência como parklets e mini praças, onde utiliza-se mobiliário urbano improvisado com materiais de baixo custo e fácil acesso algumas vezes até mesmo reaproveitados, fortalecendo o conceito de cidades sustentáveis. Já o **“Top Down Urbanism”**, como o próprio nome já diz, seria o urbanismo engessado, de cima para baixo, sem levar em consideração a opinião e participação da comunidade e dos usuários, o que está sendo cada vez mais criticado. No objeto de estudo foi utilizado essa última opção, pois apesar de levar em consideração um programa de necessidades mais geral, a população não participou ativamente da execução nem das discussões do pré-projeto.

Na análise do Parque Ecológico de Bodocongó, alguns conceitos de autores consagrados do urbanismo que ao serem aplicados promovem uma maior urbanidade e vitalidade foram observados. Dentre eles, a **“variedade”** entendido por Bentley *et al.* (1987) como a diversidade de equipamentos e usos trazendo um maior número de pessoas de diversas faixas etárias em diferentes horários, questão também discutida anteriormente por Jacobs (1961a) que já havia chamado atenção para o fato de que a monotonia de usos destrói a vida urbana e de como o arranjo desses usos distintos pode **“(…) garantir a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos**

horários diferentes e estejam nos lugares por motivos diferentes” (JACOBS, 1992, p. 165 *apud* MELO, 2017). Isso promove a vitalidade urbana e, conseqüentemente, uma maior sensação de segurança por parte dos moradores, juntamente com a definição de “olhos para a rua”, onde a sensação de segurança dos usuários está atrelada à movimentação e também à permeabilidade dos espaços.

No caso do parque ecológico analisado, pretendeu-se, com o vasto e diverso programa de necessidades, abranger e atrair também o maior número de usuários possíveis, de diferentes faixas etárias e em diferentes horários. O parque apesar de ser denominado ecológico pela proposta de revitalização e resgate a memória do açude, tem o foco, de modo geral, em esportes (*bicicross*, pista de *skate*, patins, corrida...), jogos (de mesa e *speedball*), além de espaços de contemplação/ convivência (píer e espelho d'água) e atividades em grupo (anfiteatro e auditório adaptado dentro da refinaria).

Outro ponto também observado no objeto de estudo foi a “**permeabilidade**” que, segundo Gehl (2013), tem a ver com a integração dos espaços públicos com áreas de permanência, zonas de transição suaves e visibilidade do seu interior.

“Trata-se da zona onde se caminha quando se está na cidade; são as fachadas que se vê e se experimenta de perto, portanto mais intensamente. É o local onde se entra e sai dos edifícios, onde pode haver interação da vida dentro

das edificações e da vida ao ar livre. É o local onde a cidade encontra as edificações.” (GEHL, 2013. p.75).

De acordo com Gehl (2011 *apud* RODRIGUES *et al.*, 2014), quando o ambiente exterior é de boa qualidade, as atividades que nele ocorrem tendem a durar mais e, naturalmente, o ambiente torna-se mais convidativo. Dentro do estudo do urbanismo, as praças e parques destacam-se e caracterizam-se por quebrar uma sequência de quadras densamente edificadas e que, por sua vez, tomam o papel de tornar os centros urbanos mais dinâmicos e interativos, assumindo importância na vida social da população.

No Parque Ecológico, apesar de ter zoneamento para as áreas de lazer, administrativa e de serviço, percebe-se o agrupamento de atividades esportivas alternadas pelas atividades de contemplação, área de jogos, com áreas administrativas e de apoio próximas aos acessos e estacionamentos, buscando facilitar o fluxo de pessoas e a caminhabilidade, o mesmo não possui a permeabilidade completa com o exterior, principalmente, por possuir horário de funcionamento específico (de 6 às 21 horas) e estar cercado por gradis que, mesmo permitindo a permeabilidade visual, constituem barreiras físicas à Vila dos Teimosos - comunidade circunvizinha, à rua de acesso principal - Juvêncio Arruda, ao Centro de Ciências Biológicas e de Saúde (CCBS) da (UFCG) e ao Departamento de Educação Física (UEPB). (FIGURA 30)

A **caminhabilidade** pode ser uma das consequências positivas da urbanidade, pois está intrinsecamente ligada à permeabilidade, acessibilidade e mobilidade, é um fator bastante importante para o sucesso ou não do espaço livre, sendo definida por Andrade e Linke (2017, p.6) como “atributos, no ambiente construído, convidativos ao caminhar, tais como acessibilidade, conforto ambiental, atratividades de usos, permeabilidade do tecido urbano, entre outros.” Este conceito permeia, no caso do Parque Bodocongó, uma série de fatores que levam à discussão desde o local de implantação do parque na região mais isolada do açude, dificultando um pouco o acesso, e o conhecimento da população sobre a existência do parque; até a não integração nem participação efetiva no processo discursivo e executivo pela comunidade vizinha Vila dos Teimosos, inclusive com barreira física de gradeamento implementada; assim como a não integração e participação das universidades também circunvizinhas no processo de **“placemaking”** que, segundo a *placemaking.org*, é:

“um processo de planejamento, criação e gestão de espaços públicos totalmente voltado para as pessoas, visando transformar ‘espaços’ e pontos de encontro em uma comunidade – ruas, calçadas, parques, edifícios e outros espaços públicos – em ‘lugares’, que eles estimulem maiores interações entre as pessoas e promovam comunidades mais saudáveis e felizes.”

A **“segurança”** é mais um fator “via de mão dupla”, podendo ser explorada pelo estímulo da presença de pessoas pela própria presença de pessoas, inclusive pelo *placemaking*. Porém, na maioria das vezes, personifica-se para governantes e usuários conscientemente apenas pela presença de guardas ou polícia. Assim, percebe-se uma dificuldade na aplicação dos conceitos do urbanismo para um melhor funcionamento do espaço uma vez que, o urbanismo geral é engessado pela tradição do modelo *Top Down*. No objeto de estudo, a segurança norteou o projeto e foi uma das premissas do parque, com a implementação de uma Unidade de Polícia Solidária (UPS), importante inclusive para desmistificação inicial de violência da área, que antes do parque pela proximidade com a comunidade Vila dos Teimosos e o bairro popular Bodocongó, era considerada perigosa. Na teoria essa UPS serviria tanto para a segurança de dentro do parque, quanto da cidade de Campina Grande, abrigando o Batalhão de Força Regional da Polícia Militar e, apesar de na teoria haver rondas e policiamento por parte dos policiais da UPS, na prática observa-se pichações, vandalismo, depredações em alguns pontos e uso de drogas nas dependências do parque, prejudicando a conservação geral e utilização do mesmo pelos usuários.

Por fim, outra característica analisada foi o **microclima** que, segundo Gehl e Svarre (2013), pode impactar fortemente na

presença/ copresença/ permanência das pessoas. O microclima, ou seja, o clima de um local específico dentro ou fora da cidade (influenciado diretamente por sol, chuva, calor e vento), é importante principalmente em atividades que exijam essa permanência, uma vez que em deslocamentos as pessoas tendem a suportar condições não ideais pela maior brevidade. Diferentemente do macroclima, que seria o clima de uma região, e do clima local, que seria o clima da cidade, esse microclima pode ser distinto de um clima local por diversas condicionantes, tais como:

“a disposição de parques e áreas arborizadas criando lugares sombreados em climas muito ensolarados podem amenizar altas temperaturas, ou na direção contrária, grandes áreas abertas, sem abrigos, onde o sol pode penetrar mais facilmente e ser aproveitado pode elevar o conforto térmico tirado pelo frio. O vento também pode ser amplamente considerado nas duas situações e vai agir livremente dependendo nos níveis de fricção no terreno, dos corredores de edifícios e edificações, dos objetos que podem direcionar ou barrar os fluxos causando aos ambientes alívio de temperaturas ou intensificação na sensação de frio” (MELO, 2017, p.30).

Dentre as principais reclamações e insatisfações dos usuários do Parque Bodocongó, a maior é quanto ao conforto ambiental, principalmente no que diz respeito a pouca existência de árvores, quase nenhum abrigo e pouca área

sombreada. Ainda que o microclima local seja influenciando bastante pela proximidade do açude e o local possuir uma maior umidade em relação a outros pontos sem corpos d'água da cidade, além de possuir uma melhor sensação térmica no início e no final do dia, ele não é o suficiente para tornar o local agradável em horários de sol a pino. A falta de arborização é um dos primeiros aspectos notados ao adentrar o parque e ainda que o mesmo possua uma grande parte de solo permeável, coberto por gramíneas, e juntamente com o açude contribua para um microclima mais agradável, a falta de sombreamento influi diretamente no movimento e fluxo de pessoas, uma vez que o maior movimento acontece logo cedo pela manhã quando o sol ainda não está muito quente, e posteriormente à tarde, quando o sol começa a esfriar. Os usuários da tarde também tendem a permanecer no parque até a noite, justamente pela ausência da incidência solar direta, contabilizando assim mais horas de permanência e um maior número de pessoas utilizando o espaço simultaneamente.

Assim, podemos perceber que vários são os fatores que influem na presença/ copresença de pessoas em um sítio, responsáveis pela urbanidade do local, necessários para gerar vitalidade e incentivar assim cada vez mais a atividade da vida urbana, esses fatores vão ser analisados dentro da proposta do parque nos capítulos seguintes.



AI

AI

AI

QUE

VIDA

BOA

3 OBJETO
DE ESTUDO

3.OBJETO DE ESTUDO

3.1 O AÇUDE DE BODOCONGÓ E SEU ENTORNO IMEDIATO

O Açude de Bodocongó, construído entre os anos de 1915 e 1917, constitui uma importante memória viva para a cidade e seus moradores, sendo inclusive cantado por várias vozes, como Elba Ramalho, Jackson do Pandeiro, Zito Borborema, além do nosso eterno Rei do Baião, Luiz Gonzaga.

O nome do riacho e posteriormente do açude, segundo alguns estudiosos, tem origem Cariri - significa "águas que queimam" e, assim como o nome sugere, foi de início pensado como uma alternativa para a seca que assolava a região. Porém, nunca foi utilizado como tal fim devido a sua água salobra que a tornava imprópria para o consumo humano. (MEDEIROS, 2010). No entanto, foi fator decisivo para o surgimento do bairro o qual leva seu nome e do complexo industrial em torno do mesmo, na década de 1930, emergiu em suas margens um curtume e a fábrica têxtil de Bodocongó. (COSTA, 2011).

Em 1925, implantou-se a indústria Têxtil – S/A (tecelagem) (FIGURAS 08, 10 e 13), sendo a primeira do bairro, tornando-se fator atrativo para o processo de povoamento da área com o surgimento da primeira Vila Operária. Devido à distância em relação ao núcleo central, há em relatos que existia

cerca de 60 casas nas redondezas do açude e da indústria as quais abrigavam os trabalhadores e suas famílias (FERNANDES, 2011). Na década de 1930, a fábrica que pertencia a Idelfonso Soares e José Palhano, foi vendida a Aprígio Veloso da Silveira e sua família oriundos de Pernambuco, juntamente com uma extensa área limítrofe à fábrica. A fábrica têxtil de Bodocongó, foi então fundada em 20 de junho de 1933 na avenida que posteriormente receberia o nome de seu proprietário. Tinha especialidade em fiação, fabricação de tecido cru e sacaria de algodão, produto muito utilizado na época pelas usinas produtoras de açúcar, atendendo a demanda das usinas fabricantes de açúcar do estado da Paraíba e demais estados do Nordeste (ARAÚJO, 2015). Posteriormente, foi entregue aos filhos Agostinho Veloso e Ademar Veloso que doaram os terrenos em frente à entrada principal da fábrica têxtil para a construção da capela de Santa Rita e também outros terrenos para a melhoria da condição de vida dos moradores da região, uma vez que grande parte trabalhava na indústria têxtil. Em benefício dos filhos dos operários, o colégio Estadual do Bodocongó foi construído, sendo denominado de Ademar Veloso da Silveira (BARROS FILHO *et al.*, 2019).



FIGURA 07: MANCHETE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE BODOCONGÓ, 7 DE NOVEMBRO DE 1936.

FONTE: BLOG CG RETALHOS.



FIGURA 08: INDÚSTRIA TÊXTEL DE CAMPINA GRANDE, 1957.

FONTE: BLOG CG RETALHOS.

O Curtume Antônio Villarim (FIGURA 12) foi fundado pelo empreendedor pernambucano de mesmo nome, por volta de 1936. Garantiu cerca de 250 empregos e colaborou para o crescimento de Campina Grande. Teve seu ápice na década de 1970, quando já exportava para Espanha, França, Itália e Estados Unidos chegando a produzir até 800 couros bovinos diariamente e mais 10.000 peles de cabra e carneiro. O seu declínio aconteceu no final do século XX, quando encontrou o ostracismo, que acarretou o seu fechamento definitivo (SOUSA, 2005). A partir da década de 1940, diversas fábricas fixaram-se em Bodocongó, como a fábrica têxtil IPELSA (Indústria de Celulose e Papel da Paraíba), a Refinaria de Óleo Vegetal ROVISA- S/A, a Indústria de Pré-moldados PREMOL, o Matadouro Público e os Curtumes de Manoel Mota, Santa Adélia, São Pedro e de Rodmilson. O conjunto de fábricas exercia um papel importante para o bairro e para os moradores, uma vez que muitos dependiam do seu trabalho na fábrica para a sobrevivência (BARROS FILHO *et al.*, 2019).

Ao observar o desenvolvimento e consolidação do Bairro, é inegável a importância do corpo d'água do açude e seu papel recreativo, funcional e histórico. Segundo Carvalho (2011), os corpos d'água podem ter dois destinos: o primeiro seria sua negação e esquecimento, tornando áreas com ausência de urbanidade e propícias a degradação ambiental. O segundo seria a sua integração à dinâmica

dos centros urbanos.

"A negação dos rios urbanos é acompanhada por graves processos de contaminação, de ampliação dos riscos de enchentes e de ausência de investimentos que resultam em perdas ambientais, sociais e econômicas. Por outro lado, reconhecer os rios da cidade gera novas possibilidades de seu uso como via de transporte urbano, para a melhoria de oferta de áreas de recreação e lazer em suas margens, na defesa por adequadas infraestruturas de saneamento e na diminuição da vulnerabilidade socioambiental."
(CARVALHO, 2011, p.60 *apud* BARROS FILHO *et al.*, 2019).

Observamos os dois momentos no cenário do Açude de Bodocongó. Inicialmente, a integração às dinâmicas da cidade, estando nele concentrado o centro industrial, área residencial e de lazer até a década de 1960. Depois disso, as políticas desenvolvimentistas privilegiaram a criação de distritos industriais e suas indústrias foram direcionadas para o atual Distrito Industrial de Campina Grande (BARROS FILHO *et al.*, 2019), ocorrendo o esquecimento, a negação e o descaso. Como consequência disso, atualmente acumula um elevado grau de poluição na sua bacia hidráulica de 371.897 m³ que em seu período de cheia chega a 1.020.000 m³ (MOREDJO, 1998), valor considerável e que poderia ser melhor aproveitado para lazer e abastecimento.

Diversos fatores influenciaram a decadência do núcleo

industrial do bairro Bodocongó, tais como: a falência dos curtumes devido à utilização de plástico para fabricação de calçados e de outros objetos que anteriormente eram compostos de couro; a falência do matadouro por precariedade em questões relativas a higiene; e a falência da PREMOL. O bairro é considerado atualmente majoritariamente residencial e possui poucas fábricas em funcionamento (BARROS FILHO *et al.*, 2019)

Durante o período em que possuía maior urbanidade, o açude foi um importante ponto de lazer dos campinenses, principalmente durante a década de 1950 (FIGURA10), época que os moradores locais o utilizavam para banhar-se em suas águas e praticar esportes náuticos, tendo em vista que em suas margens funcionava o Clube Aquático frequentado pela alta burguesia. Os momentos sociais e de lazer ali vividos são lembrados com nostalgia por alguns autores como Clotilde Tavares e Ronaldo Dinoá que em suas obras relatam um pouco os momentos de "glória" do açude.

"Com a criação do Clube Aquático, um esporte bem desconhecido da comunidade passou a ser atração turística dos sábados e domingos. Lanchas de todos os tipos navegavam nas águas do velho açude (...) Campina Grande não dava muita bola para as praias da capital. Nessa época o carnaval de Campina Grande começava no Clube Aquático. os acontecimentos sociais, quase todos, eram celebrados nas dependências do velho clube" (DINOÁ, 2004, p.49).

“Com sua simpática sede construída às margens do açude de Bodocongó, e de cujo ancoradouro partiam as lanchas que no domingo de manhã riscavam as águas, em piruetas e curvas, sempre com gente alegre e barulhenta a bordo, muitas vezes trazendo algum audacioso a reboque, empoleirado em esquis. O Aquático, com suas matinais repletas de gente jovem, era um clube pequeno mas muito agradável. Na sede banhada de sol dançávamos das 10 às 15 horas, nos domingos, alternando as danças com passeios de lancha, numa das lembranças mais agradáveis dos meus verdes anos” (TAVARES, 2008, p. 68).

Após uma chuva torrencial no ano de 1970, parte da sua estrutura foi destruída e o Clube Aquático deixou de existir já que seus responsáveis, não quiseram reconstruí-lo. Com o tempo, suas paredes e telhados foram derrubadas a ponto de não existir mais vestígios da sua existência no local.

Ainda sobre a ocupação das margens do açude, na década de 1960, houve a inauguração do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) (FIGURA 09), em um terreno de 46.800 m² nas margens do Açude cedido pelo o então prefeito Elpídio de Almeida (1955-1959). O Centro que já pertenceu a UFPB, hospeda até os dias de hoje os cursos da área da saúde da UFCG. Já na década de 1970, foi construído o Departamento de Educação Física (FIGURA 09) também parte do CCBS porém, nesse caso, da UEPB. A área que conta com piscina, pista de atletismo e ginásio de esportes é um marco na consolidação das margens

do açude.

A presença da UFCG e UEPB no bairro emergente, atraiu para a área uma nova população de docentes, discentes e funcionários ligados direta ou indiretamente à educação. Isso influenciou no atual Plano Diretor de Campina Grande (2015), onde a área onde está inserida o Açude de Bodocongó é classificada como Zona Especial de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Isso ocorreu após a implementação do Centro de Inovação e Tecnologia Telmo Araújo (CITTA), em 2013, no local onde funcionava a antiga fábrica têxtil. Este centro foi construído com o intuito de receber até 52 empresas nos seus 16 mil m², atuando como polo tecnológico e insere Campina Grande no ranking das cidades brasileiras que mais atuam com tecnologia. A obra é uma parceria do governo do estado, da UFCG e da UEPB.



FIGURA 09: CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE DA UFCG (CCBS) À ESQUERDA E CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UEPB À DIREITA. 1970.
FONTE: BLOG CG RETALHOS.



FIGURA 10: AÇUDE DE BODOCONGÓ, DÉCADA DE 50.
 FONTE: BLOG CG RETALHOS.



FIGURA 12: CURTUME ANTONIO VILLARIM S.A.1957.
 FONTE: BLOG CG RETALHOS.



FIGURA 11: VISTA AÉREA FÁBRICA TÊXTEL E AÇUDE DE BODOCONGÓ, DÉCADA DE 50.
 FONTE: BLOG CG RETALHOS.



FIGURA 13: FÁBRICA TÊXTEL DE BODOCONGÓ, DÉCADA DE 50.
 FONTE: BLOG CG RETALHOS.

Com o rápido espraiamento da cidade, aumento da especulação imobiliária e do desemprego, algumas famílias de baixa renda buscaram áreas vulneráveis para habitação, isso também ocorreu nas margens do açude. Surgiu na década de 1980 a Vila dos Teimosos (FIGURA 14), a qual ganhou esse nome devido à luta contra o poder público pela ocupação em uma Área de Preservação Permanente (APP), susceptível ao alagamento. A vila assim como as indústrias presentes nos arredores contribuem com o despejo de dejetos no açude e conseqüentemente a inutilização do mesmo para fins de abastecimento e recreação nas águas (além da alta salinidade) (RANGEL, 2014).

Após 40 anos de luta para a urbanização com pavimentação e implementação de esgotamento sanitário na Vila dos Teimosos, foram investidos pela prefeitura, em 2019, cerca de 350 mil reais para as obras de estruturação do bairro que beneficiaram mais de 100 famílias locais que sofriam com alagamentos, deslizamentos de terra e desabamentos. A atitude da prefeitura, apesar de apreciada pelos moradores da comunidade, sofre críticas de especialistas, tendo em vista que o ideal seria a realocação dos mesmos para uma área fora da APP e de risco, e não o incentivo por meio de políticas públicas superficiais a permanência dos mesmos no local.

Ainda no quesito habitação, criado pelo governo federal em março de 2009 através da Medida Provisória 459,

posteriormente regulamentada pela Lei 11.977, o Programa Minha Casa Minha Vida teve o objetivo principal de alavancar a economia brasileira, gravemente afetada pela crise financeira internacional que começou com a bolha imobiliária norte-americana e rapidamente atingiu o mundo globalizado. A produção rápida de habitações populares foi vista como uma verdadeira tábua de salvação face ao fechamento de postos de trabalho principalmente nos setores secundário e terciário, já que a construção civil emprega mão de obra com pouca ou nenhuma qualificação (RIBEIRO, 2019). De fato, foi muito mais uma manobra econômica do que um programa habitacional. Porém, proporcionou a realização do sonho da casa própria a milhares de brasileiros, com parcelas e taxas baixas subsidiadas pelo governo federal para os de renda baixa a média.

Em busca de preços mais compatíveis com o subsídio e grandes áreas para ocupação, boa parte das habitações desse programa foram instaladas nas chamadas franjas de crescimento urbano, as regiões mais periféricas das grandes e médias cidades brasileiras, contribuindo para o urbanismo disperso. Isso também ocorreu com os residenciais Dona Lindu I, II, III, IV (FIGURA 15), entregues em 2011 e que ocupam boa parte dos arredores do Açude de Bodocongó. As suas 944 unidades habitacionais de 42 m² contribuíram para ocupação e consolidação do bairro Bodocongó, sendo habitado principalmente por docentes e discentes da UFCG e UEPB.



FIGURA 14: VILA DOS TEIMOSOS, 2013.
FONTE: DEFESA CIVIL CAMPINA GRANDE.



FIGURA 15: CONDOMÍNIO RESIDENCIAL DONA LINDÚ, 2018.
FONTE: INFOABOUTCOMPANIES.COM

3.2 O PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ

Ao longo dos anos, percebe-se que a transformação socioespacial acompanhou o Açude de Bodocongó e seu entorno. Porém, assim como muitas cidades brasileiras, observava-se uma lacuna quanto à existência de espaços livres públicos, principalmente nessa zona da cidade, uma vez que a maioria dos parques da cidade estão localizados nas suas áreas mais centrais e consolidadas, a exemplo do parques da Criança, e do Açude Velho (esses utilizados em maior escala), assim como os parques do Povo e do Açude Novo. No entanto, não havia até então, nenhum equipamento que atendesse a área do Açude de Bodocongó. (FIGURA 16).

Após o primeiro momento de integração à cidade - pelo uso do mesmo para o lazer e a sua consolidação residencial e industrial - e o segundo momento de esquecimento e degradação do açude, veio o terceiro momento, o de reintegração à cidade pelo aproveitamento de seu potencial paisagístico, histórico e patrimonial pela implementação de um parque ecológico em suas margens.

Em abril de 2017, ano em que completou 100 anos, o açude ganhou a primeira etapa do Parque Ecológico de Bodocongó. O projeto da arquiteta paraibana Sandra Moura, conta com aproximadamente 60 mil m² de área construída total (primeira

e segunda etapa) e busca seguir (pelo menos pela intenção implícita do seu nome) os conceitos de sustentabilidade, preservando a história e a vegetação do local, com áreas destinadas à prática de esportes, lazer e contemplação, bem como espaços para a convivência. O parque contempla: pista de caminhada, ciclovia e contenção de taludes ao longo da sua orla; projeto paisagístico; praça de esportes e cultura, estacionamentos; três quiosques de alimentação; duas quadras poliesportivas; duas quadras de areia; duas quadras de basquete de rua; um anfiteatro com capacidade para 450 pessoas; um espelho d'água; uma pista de *skate*; área de patinação; Unidade de Polícia Solidária (UPS); dois quiosques com banheiros públicos; largo de acesso e praça infantil/idosos, bloco administrativo; uma praça para jogos de mesa; um *playground* infantil; uma refinaria; e uma academia de ginástica pública. O mesmo foi fruto de um investimento conjunto do governo do estado juntamente com o governo federal de aproximadamente R\$ 35 milhões, sendo que na primeira etapa foram investidos na ordem de R\$ 28 milhões.

A segunda etapa do Parque Bodocongó, entregue em dezembro de 2018, possui: praças, ciclovia, muro de arrimo, pista de caminhada, quadra de areia, quadra de *speedball*, píer, pista de patins, quadra poliesportiva, academia de ginástica ao ar livre, *playground*, pista de *bicicross*, estacionamento entre outras áreas.

O parque busca proporcionar mais qualidade de vida para cerca de 100 mil habitantes dos bairros Bodocongó, Malvinas, Dinamérica, Santa Rosa, Quarenta, Jardim Quarenta e Cruzeiro, bairros nas imediações do equipamento. Porém, questiona-se se o alto investimento está realmente sendo realmente aproveitado pela maior parte da população local, uma vez que a obra foi realizada na porção mais isolada do açude, em área de relativo difícil acesso e ainda observa-se pouca utilização e conhecimento acerca de sua existência por parte da população, ao mesmo tempo que o mesmo apresenta sinais de mau uso, vandalismo e pichação, o que pode inibir ainda mais a ocupação pelos usuários.

MAPA LOCALIZAÇÃO PARQUES CAMPINA GRANDE



FIGURA 16: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS PARQUES DE CAMPINA GRANDE. FONTE: MAPA SEPLAN (2016) MODIFICADO PELA AUTORA. FOTOS: WIKIPÉDIA.



FIGURA 17: PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ.
FONTE: ARQUIVO PESSOAL, 2019.



FIGURA 19: PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ.
FONTE: ARQUIVO PESSOAL, 2019.



FIGURA 18: PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ.
FONTE: ARQUIVO PESSOAL, 2019.



FIGURA 20: PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ.
FONTE: ARQUIVO PESSOAL, 2019.

linha do tempo



FIGURA 21: LINHA DO TEMPO OCUPAÇÃO DO AÇUDE DE BODOCONGÓ E ENTORNO IMEDIATO.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

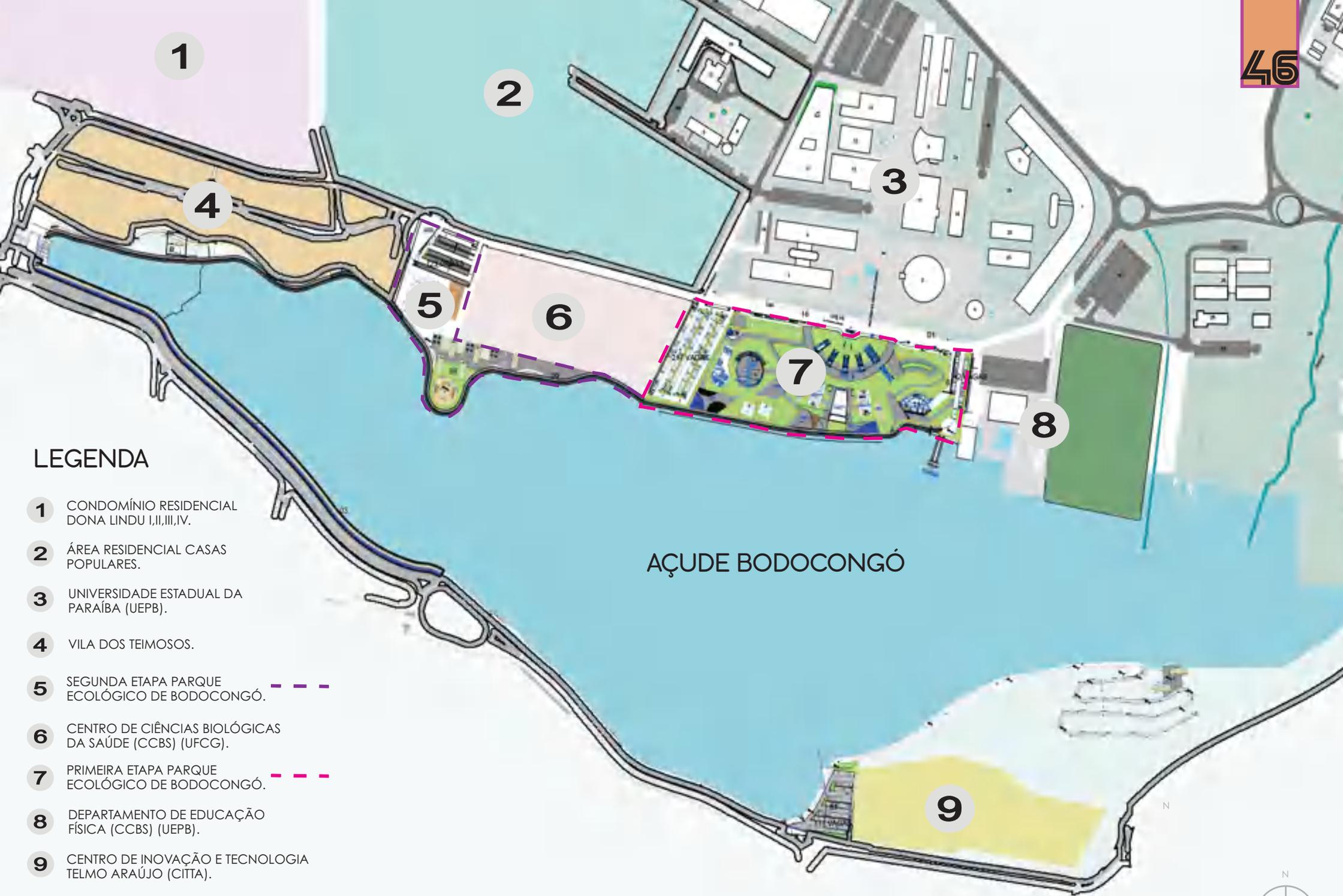


FIGURA 22: MAPA IMPLANTAÇÃO AÇUDE DE BODOCONGÓ.
 FONTE: MAPA SUPLAN MODIFICADO PELA AUTORA.





4

METHODOLOGY

4. METODOLOGIA

Para a obtenção de dados do Parque Ecológico de Bodocongó foram aplicados 45 **questionários** *in loco* (ver Apêndice 01). O mesmo questionário foi aplicado e respondido por mais 45 pessoas de maneira *online* pelo *Google Forms*, uma vez que na Pandemia do COVID-19 o parque manteve-se fechado de acordo com decretos municipais, estaduais e federais, a fim de evitar aglomerações e com isso conter a propagação do vírus. Ao todo, os 90 questionários ajudaram a compreender melhor o público alvo, suas atividades exercidas, suas satisfações e insatisfações gerais quanto ao parque.

Nessa pesquisa foi utilizado o método **quanti-qualitativo** com a quantificação dos dados numéricos coletados nos questionários e a qualificação de maneira descritiva durante a análise do problema. Envolveu técnicas de coleta de dados padronizadas (questionário, observação), sendo necessário inicialmente um **levantamento de dados primários e secundários**, além da necessária **pesquisa bibliográfica** para aprofundamento nos conceitos que foram analisados no parque e entendimento sobre a consolidação da área. Após isso, foi feita a **análise documental** a partir de fotografias do espaço e dos demais dados.

O trabalho é um estudo empírico, **hipotético-dedutivo** ou seja, que busca determinar ou testar uma teoria,

que no caso do objeto de estudo, seria se esse é um investimento bem sucedido e atenderia às necessidades dos usuários, possuindo como uma das fontes de informações mais importantes, as entrevistas. Ele permitiu que os entrevistados expressassem suas opiniões e impressões sobre o parque, permitindo então o entendimento do seu funcionamento assim como as qualidades e os defeitos para que uma vez documentados, pudessem ser elencados e cobradas melhorias dos responsáveis.

A seguir estão enumeradas as etapas do trabalho:

1. Levantamento de dados;

1.1. Levantamento de dados primários (fotos e aplicação de questionários e entrevistas);

1.2. Levantamento de dados secundários (plantas da SUPLAN e outros documentos);

2. Tratamento dos dados;

2.1. Redesenho das plantas da SUPLAN;

2.2. Tabulação dos questionários, elaboração de gráficos;

2.3. Aplicação da nuvem de palavras;

3. Análise dos dados;

4. Diretrizes Projetuais.

LEVANTAMENTO DE DADOS

TRATAMENTO DE DADOS

ANÁLISE DE DADOS

DIRETRIZES PROJETUAIS

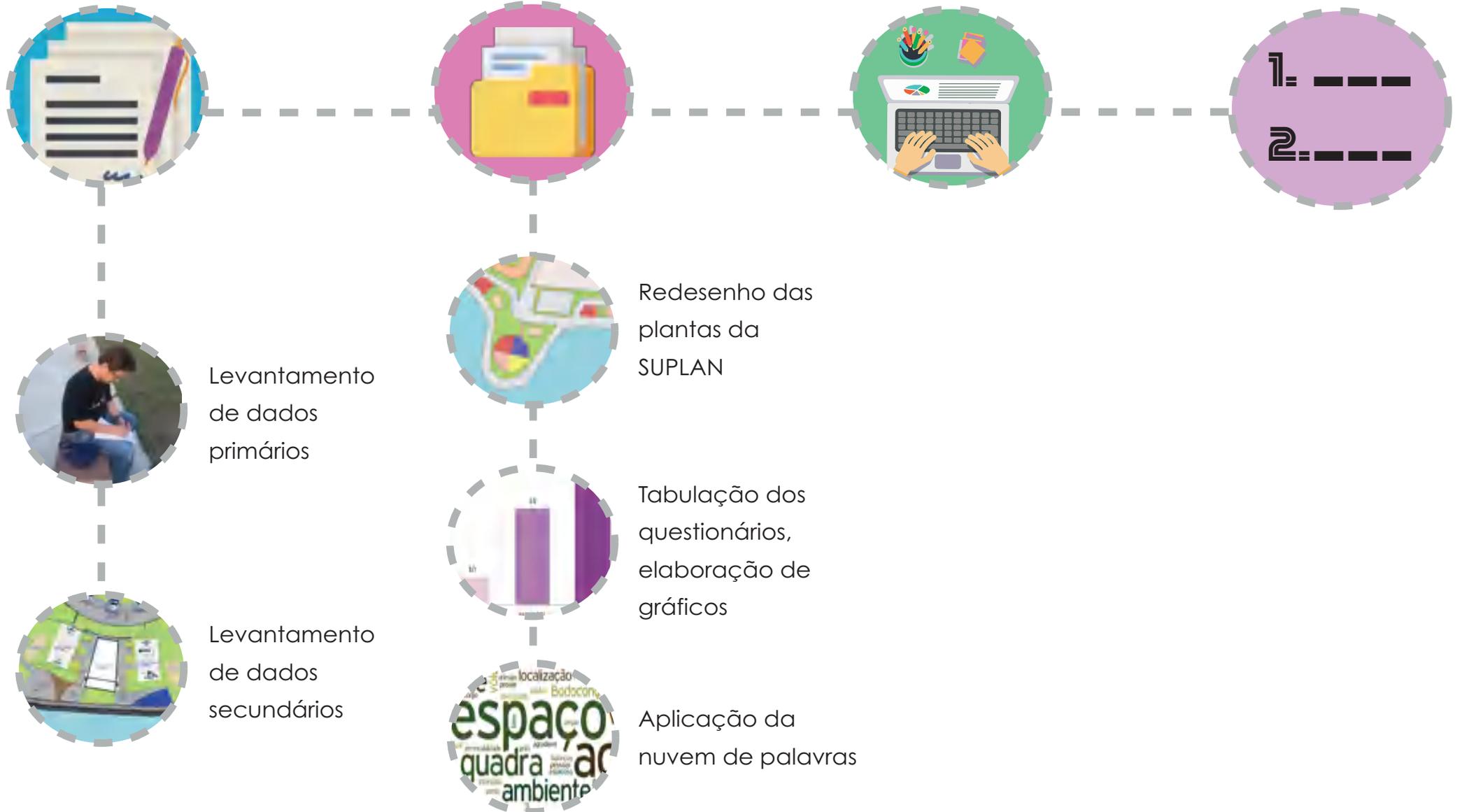


FIGURA 23: ORGANOGrama METODOLOGIA APLICADA. FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

Na primeira visita ao parque, foi feito um **reconhecimento espacial** pela observação de equipamentos e pessoas, principalmente pelo fato de nunca tê-lo frequentado antes. Nessa visita foram feitas algumas fotos para ajudar no reconhecimento e nas análises posteriores e a **entrevista** com o diretor e administrador do parque Josinaldo Mendes que passou algumas informações quanto à execução, manutenção e funcionamento do parque. Ele afirmou que as únicas etapas que não foram executadas do projeto foram: a dragagem do açude e, uma ponte que ligaria os dois extremos do açude, ambas responsabilidade da prefeitura na parceria estabelecida. Apesar disso, nas plantas baixas do projeto executivo conseguidas junto à Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (SUPLAN), por meio de solicitação feita por ofício, não há nenhuma referência a essa ponte de ligação entre os dois extremos do açude. Inclusive, ao analisá-las, percebeu-se que as plantas conseguidas não estavam cem por cento fiéis ao projeto executado e precisavam de atualizações, as quais foram feitas posteriormente. Mesmo assim, serviram como base para análise morfológica do projeto.

As **atualizações das plantas** foram feitas por meio de redesenho (segunda fase) e/ou indicação em legenda (primeira e segunda fases). O redesenho da planta da segunda fase foi necessário por configurar um novo projeto,

com diversas modificações da planta original conseguida na SUPLAN. O da primeira fase, não foi necessário por haver poucas mudanças estruturais, sendo a maioria mudança de uso, indicadas em legenda na planta original da SUPLAN. No caso do redesenho, foi utilizado o método de sobreposição de linhas no *Autocad* a partir de uma imagem da área obtida pelo *Google Earth* (segunda fase), além de análise de fotos e conferência no local. Com o redesenho, houve também a necessidade de atualização da planta geral do parque (primeira e segunda fases), a qual também foi feita por sobreposição no *Autocad* com imagem do *Google Earth* e esta serviu como base para o zoneamento, mapa de permeabilidade, mapa base de vista do observador e mapa base com os cortes do terreno. Estes últimos foram feitos também com o *Google Earth* com a ferramenta de perfil de elevação e humanizados nos programas *Adobe Photoshop* e *Illustrator*, também utilizados como ferramenta para humanização de todos os mapas, plantas e esquemas utilizadas nesse trabalho. O mapa base da cidade de Campina Grande utilizado foi o mapa elaborado pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN) em 2016.

A arquiteta responsável Sandra Moura foi contatada por e-mail para sanar algumas dúvidas referentes ao projeto e as mudanças observadas entre o projeto entregue pela SUPLAN e o executado, porém não houve retorno.

Após isso, foi utilizado o método de **nuvem de palavras** definidas de acordo com as questões subjetivas respondidas nos questionários sobre o que os usuários mais gostavam no parque, sobre o que os usuários não gostavam no parque e o que poderia melhorar no parque. Para isso, utilizou-se o aplicativo *Wordle*, uma ferramenta que cria nuvem de palavras de acordo com a repetição das mesmas no texto. Todas as palavras respondidas pelos usuários nas três questões subjetivas do questionário foram transcritas para o programa e nuvens foram formadas com as palavras mais citadas e, conseqüentemente, mais destacadas. As palavras menos citadas ficaram em menor tamanho e menos destacadas, em ordem decrescente de citação.

Vale salientar ainda que o trabalho previa em uma análise comportamental mais profunda, com a análise dos usuários em campo, aplicando os método de observação de Gehl e Svarre (2013). No entanto, a metodologia teve que ser modificada devido à Pandemia pela **análise de fotos** de antes e durante a Pandemia e dos **gráficos** obtidos através questionários aplicados.

Por fim, há a indicação de algumas **diretrizes projetuais** para quando o parque reabrir, visando o resgate da urbanidade e vitalidade, ambas esvaziadas durante a Pandemia. Essas diretrizes foram baseadas nas respostas dos usuários entrevistados e conseqüentemente na nuvem de palavras de possíveis melhorias indicadas por eles.



"QUANDO ERA LUA, COM MEU BEM REMAVA À TOA..."

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com a visita de campo e entrevista com o administrador e diretor do parque, Josinaldo Mendes, apesar da população não ter participado ativamente da execução e das discussões do pré-projeto, havia ações do estado que tentavam promover essa aproximação e chamar a atenção para o parque, principalmente durante o aniversário de inauguração do parque, no mês de abril, quando o governo ofereceu diversos eventos para a população, tais como: oficinas de música, dança, duelo de *Hip Hop*, apresentações culturais, *shows* de artistas regionais, além de atendimentos odontológico, psicológico, médico, orientações jurídica e quanto à documentação do Sine. Esses eventos ocorreram antes da Pandemia do COVID-19, a fim de estimular o uso e a ocupação do espaço com atividades do interesse geral. Além disso, ele informou que o público, a partir do momento em que tomava conhecimento da existência do parque, depois de visitá-lo, passava a frequentá-lo regularmente, principalmente por ser um local agradável e com diversas atividades que poderiam ser desenvolvidas, dentre elas, as mais populares que, segundo ele, eram: caminhada, vôlei e futsal. Ele estimou ainda que cerca de 600 pessoas visitavam o parque antes da Pandemia durante o fim de semana, período de maior utilização, e relatou ainda que esse número estava crescendo cada vez mais, a partir do momento em

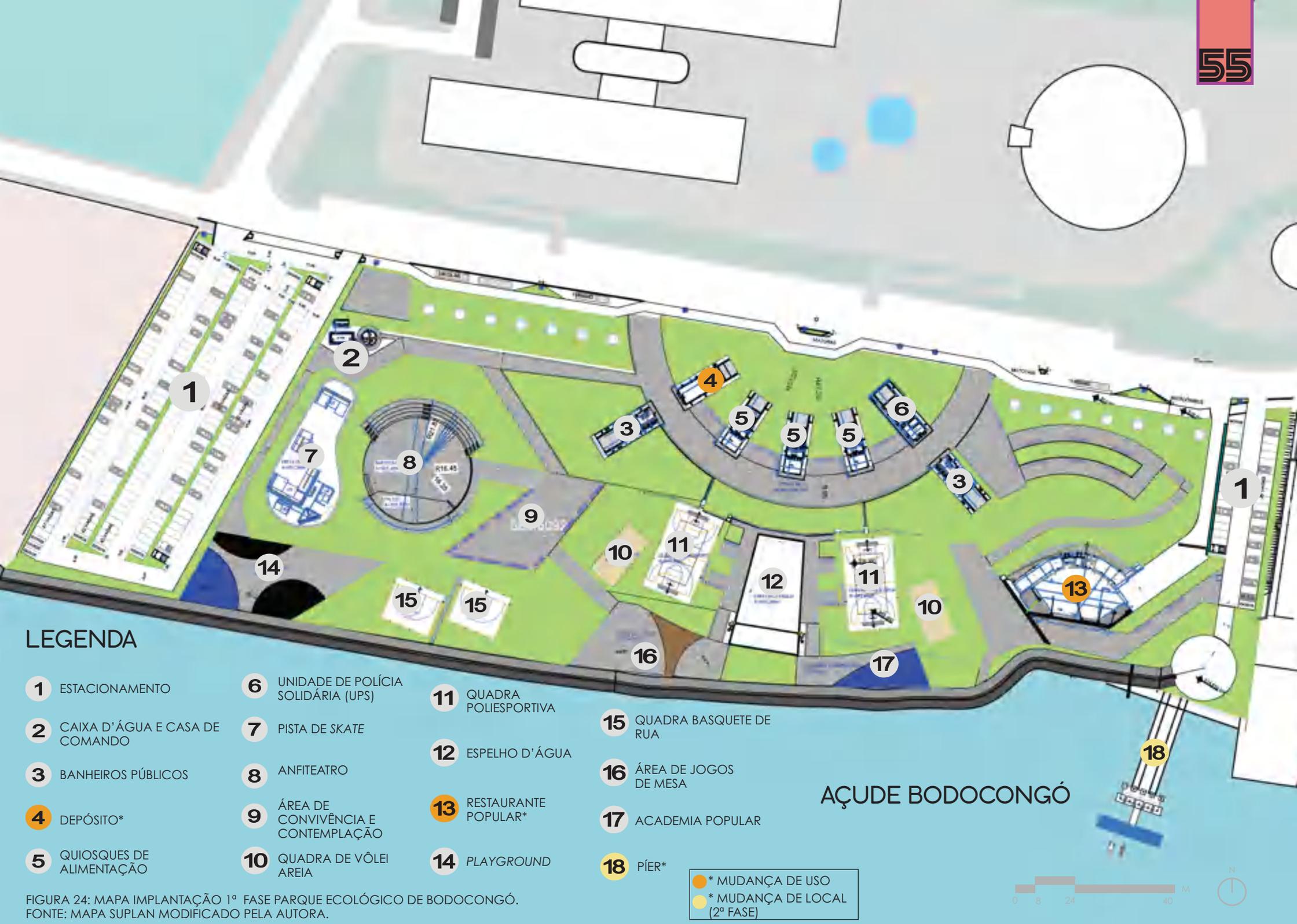
que a população tomava conhecimento da existência do parque, pois acreditava-se que apenas 30% da população campinense teria ciência da existência do mesmo. Sobre o impacto do equipamento no lazer e na qualidade de vida dos usuários, segundo ele, o parque vem influenciando positivamente na qualidade de vida não só dos moradores da vizinhança, mas dos campinenses como um todo.

Quanto à análise das plantas adquiridas da SUPLAN, percebe-se que na planta da primeira fase (FIGURA 24) não há quase nenhuma modificação na estrutura física, sendo a mudança física apenas na localização do píer cuja execução aconteceu na segunda fase. Quanto aos usos, houve mudança onde seria o depósito, que tornou-se uma sala administrativa e o restaurante popular que leva o nome de refinaria, mas funcionava antes da Pandemia como espaço para eventos corporativos, culturais e auditório e ainda abrigava aulas de música clássica do Projeto de Inclusão Social através da Música e das Artes (Prima), que há nove anos leva novas perspectivas a comunidades de grande risco social. A refinaria também abrigava aulas de jiu-jitsu do treinamento da Força Regional, em parceria com o Departamento de Educação Física da UEPB. Na planta da segunda fase (FIGURA 25), percebe-se que o projeto do parque foi quase completamente modificado, principalmente quanto à estrutura física, pela implementação da pista de *bicicross* que, a pedido da

Equipe Paraibana de *Bicicross* ao governo do estado, foi construída com dimensões oficiais de competição, já que a do Parque da Criança não atendia a essas especificações. A pista de *bicicross* foi instalada no lugar da praça das esculturas e da quadra de tênis de saibro, e em parte do estacionamento que foi diminuído; mas ainda assim atende a demanda dos usuários por não ser o único do parque. Outras modificações foram: a não execução da horta comunitária, do pavilhão multiuso, de *souvenir*, do bloco administrativo e do orquidário. As demais atividades foram realocadas como a quadra de vôlei, o *speedball*, e a academia popular. A área destinada a esta última foi fragmentada em vários pontos do parque. Os únicos elementos que mantiveram-se foram: o *playground*, ainda que não sendo de areia, e a área de jogos de mesa. Em contrapartida, foram adicionados a pista de patins, a quadra poliesportiva e mais uma quadra de vôlei, além do píer (FIGURA 26). Basicamente, o único espaço que foi mantido na mesma localização prevista no projeto original foi o *playground*.

De acordo com o **programa de necessidades** (TABELA 01), observa-se de fato uma grande **variedade** de equipamentos, de diversos tipos e para diversas faixas etárias, o que contribui para que haja pessoas de diferentes idades realizando diferentes atividades simultaneamente, promovendo assim a vitalidade urbana.

O fato do parque possuir horário de funcionamento específico, de 6 às 21 horas, restringe muito tanto a vitalidade do local em todos os horários, quanto a permeabilidade do parque com o entorno. Os gradis que circundam o parque, quando o parque está fechado, faz com que o movimento da área circunvizinha também se esvaia. Sobre a **permeabilidade** dentro do parque, ainda que haja a ligação entre todas as suas áreas internas, percebido pelo **zoneamento** (FIGURA 27) - onde estão agrupadas de acordo com as funções esportiva, administrativa, de alimentação, dentre outras - alguns entrevistados reclamaram das distâncias dos quiosques de apoio, como os de alimentação e de banheiros (além de muitas vezes estarem fechados), para alguns pontos dentro do parque. No mais, quanto à **acessibilidade**, o parque segue as normas previstas na NBR 9050 e apesar da topografia razoavelmente acidentada (com cerca de 10 metros de desnível em 115 metros de sua largura e desnível de 5 metros em 745 metros de comprimento), a mesma foi amenizada pela solução de construir taludes e patamares interligados por rampas de acesso (FIGURA 30), favorecendo a **caminhabilidade** dentro do parque. Apesar da acessibilidade não ser favorecida fora dos seus limites, devido à barreira física de gradil e à inexistência de calçadas, rampas e ciclovias em todo perímetro do açude.



LEGENDA

- | | | | |
|---|---|--------------------------------|----------------------------------|
| 1 ESTACIONAMENTO | 6 UNIDADE DE POLÍCIA SOLIDÁRIA (UPS) | 11 QUADRA POLIESPORTIVA | 15 QUADRA BASQUETE DE RUA |
| 2 CAIXA D'ÁGUA E CASA DE COMANDO | 7 PISTA DE SKATE | 12 ESPELHO D'ÁGUA | 16 ÁREA DE JOGOS DE MESA |
| 3 BANHEIROS PÚBLICOS | 8 ANFITEATRO | 13 RESTAURANTE POPULAR* | 17 ACADEMIA POPULAR |
| 4 DEPÓSITO* | 9 ÁREA DE CONVIVÊNCIA E CONTEMPLAÇÃO | 14 PLAYGROUND | 18 PÍER* |
| 5 QUIOSQUES DE ALIMENTAÇÃO | 10 QUADRA DE VÔLEI AREIA | | |

● * MUDANÇA DE USO
● * MUDANÇA DE LOCAL (2ª FASE)

FIGURA 24: MAPA IMPLANTAÇÃO 1º FASE PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ.
 FONTE: MAPA SUPLAN MODIFICADO PELA AUTORA.

AÇUDE BODOCONGÓ

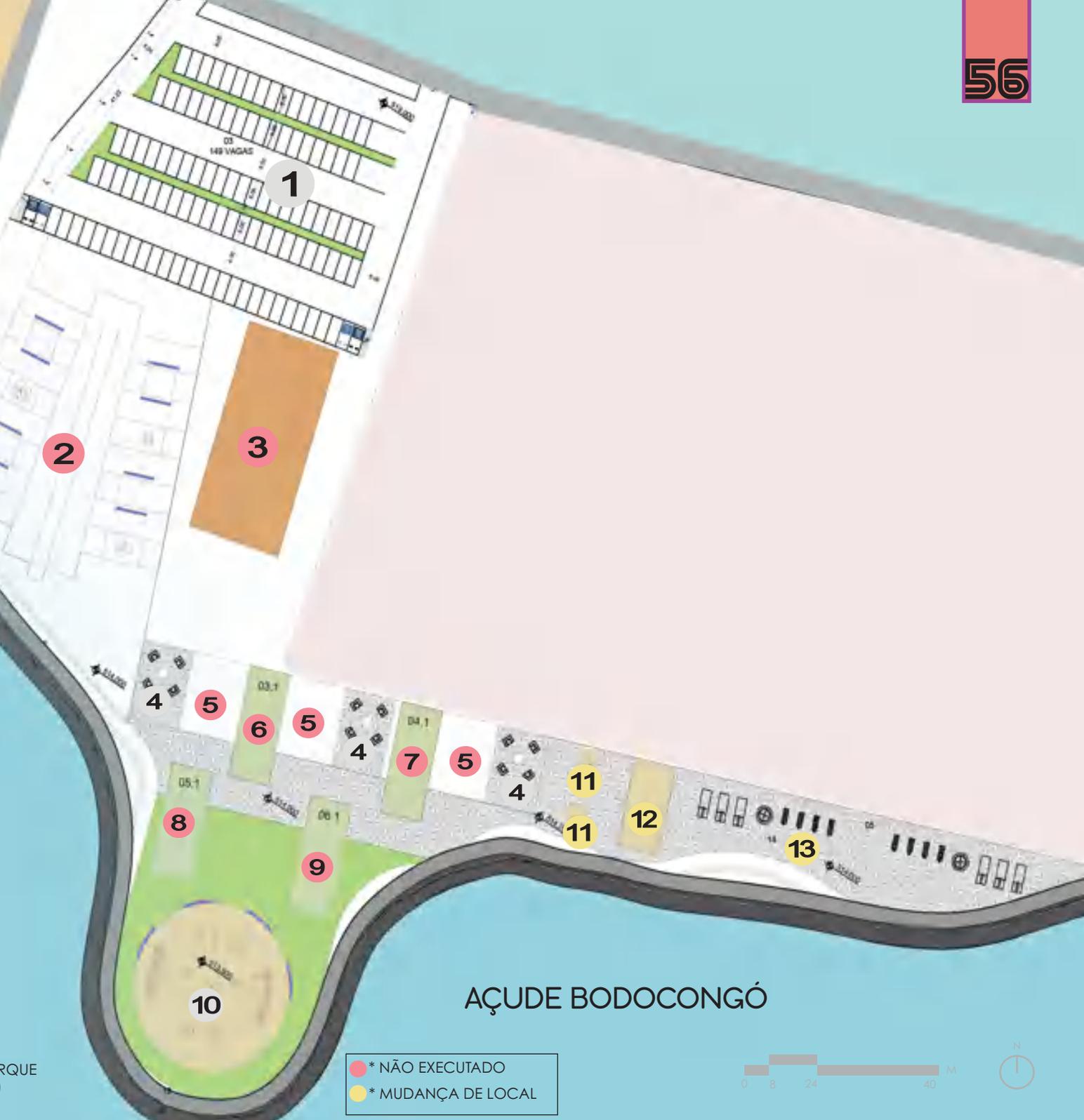


LEGENDA

- | | |
|-------------------------------------|---|
| 1 ESTACIONAMENTO | 9 ORQUIDÁRIO/ PLANTAS ORNAMENTAIS* |
| 2 PRAÇA DAS ESCULTURAS* | 10 PLAYGROUND AREA |
| 3 QUADRA DE TÊNIS DE SAIBRO* | 11 SPEEDBALL* |
| 4 ÁREA JOGOS DE MESA | 12 QUADRA DE VÔLEI AREIA* |
| 5 HORTA COMUNITÁRIA* | 13 ACADEMIA POPULAR* |
| 6 BLOCO ADMINISTRATIVO* | |
| 7 PAVILHÃO MULTIUSO* | |
| 8 PAVILHÃO SOUVENIR* | |

- | |
|--|
| ● * NÃO EXECUTADO |
| ● * MUDANÇA DE LOCAL |

FIGURA 25: PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO 2ª FASE PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ. (PROPOSTA NÃO EXECUTADA)
 FONTE: MAPA SUPLAN MODIFICADO PELA AUTORA.



AÇUDE BODOCONGÓ

0 8 24 40 M





LEGENDA

- | | |
|--------------------------------|--------------------------------|
| 1 ESTACIONAMENTO | 6 SPEEDBALL |
| 2 PISTA DE BICICROSS | 7 PLAYGROUND |
| 3 ACADEMIA POPULAR | 8 QUADRA POLIESPORTIVA |
| 4 PISTA DE PATINS | 9 ÁREA DE JOGOS DE MESA |
| 5 QUADRA DE VÔLEI AREIA | 10 PÍER |

AÇUDE BODOCONGÓ

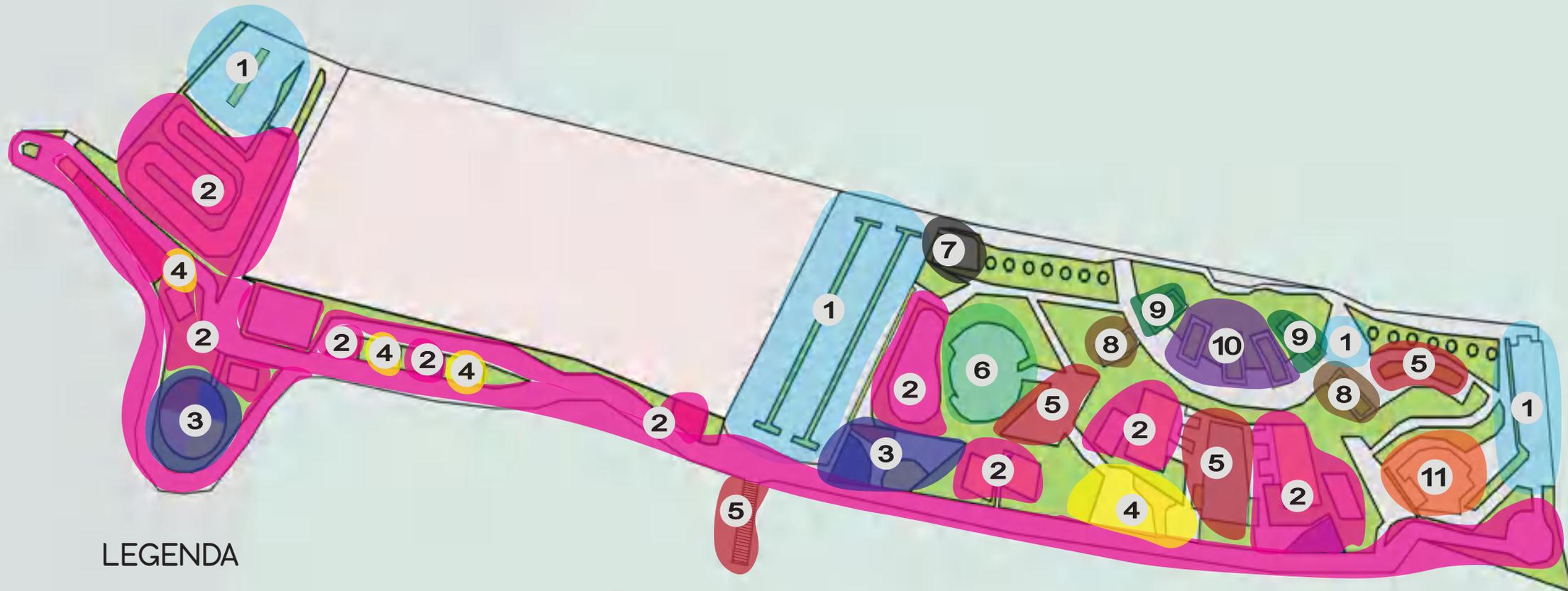


FIGURA 26: MAPA IMPLANTAÇÃO 2ª FASE PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ. (PROPOSTA EXECUTADA)
 FONTE: GOOGLE EARTH MODIFICADO PELA AUTORA.

| PROGRAMA DE NECESSIDADES | QUANTITATIVO |
|------------------------------------|--------------|
| ACADEMIA POPULAR | 5 |
| ADMINISTRAÇÃO | 1 |
| ANFITEATRO | 1 |
| ÁREA DE CONVIVÊNCIA/ CONTEMPLAÇÃO | 1 |
| ÁREA JOGOS DE MESA | 3 |
| CAIXA D'ÁGUA/ CASA DE MÁQUINAS | 1 |
| ESPELHO D'ÁGUA | 1 |
| ESTACIONAMENTO | 4 |
| PÍER | 1 |
| PISTA DE BICICROSS | 1 |
| PISTA DE CAMINHADA | 1 |
| PISTA DE PATINS | 1 |
| PISTA DE SKATE | 1 |
| PLAYGROUND | 2 |
| QUADRA BASQUETE DE RUA | 2 |
| QUADRA POLIESPORTIVA | 3 |
| QUADRA VÔLEI DE AREIA | 4 |
| QUIOSQUES ALIMENTAÇÃO | 3 |
| QUIOSQUES BANHEIROS PÚBLICOS | 2 |
| REFINARIA | 1 |
| SPEEDBALL | 1 |
| UNIDADE DE POLÍCIA SOLIDÁRIA (UPS) | 1 |

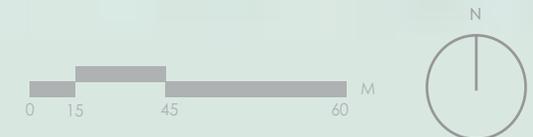
TABELA 01: PROGRAMA DE NECESSIDADES PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ.
 FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

MAPA ZONEAMENTO PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ



LEGENDA

- | | | |
|----------------------------|-------------------------------|---------------------|
| 1 ESTACIONAMENTO | 6 ANFITEATRO | 11 REFINARIA |
| 2 ÁREA ESPORTES | 7 ÁREA TÉCNICA | |
| 3 PLAYGROUND | 8 BANHEIROS PÚBLICOS | |
| 4 ÁREA DE JOGOS | 9 ÁREA ADMINISTRATIVA | |
| 5 ÁREA CONTEMPLAÇÃO | 10 ÁREA DE ALIMENTAÇÃO | |



Nos arredores do parque, em um raio de 1 km do Açude (FIGURA 29), há predominância de residências e escolas/universidades como a UEPB e UFCG. Há também vários equipamentos de cunho religioso, como igrejas e templos, em sua maioria católicos e evangélicos. Além de um cemitério, uma Unidade Básica de Saúde (UBS), um clube, duas praças e uma clínica de reabilitação. Contudo, todos esses equipamentos citados não possuem conexões com o parque nem entre si. Na maioria das vezes, não há nem mesmo calçadas. Quanto aos **modais de transporte** para chegar até o parque, há duas linhas de ônibus que o atendem: 303 e 333. Ambas saem do Terminal de Integração que fica no centro da cidade. Foi observado, no entanto, que a maior parte dos usuários utiliza transporte próprio (carro ou moto), pela maior facilidade e rapidez, ou frequentam a pé, quando advindos das redondezas: bairros vizinhos ou UEPB, principalmente em intervalo de aulas. Infelizmente, por não ter uma ciclovia interligada com outros pontos da cidade, observa-se pouca presença de ciclistas, apenas alguns usuários na pista de skate e algumas crianças acompanhadas pelos responsáveis em transporte próprio. Estudos mostram que, além da caminhada interferir positivamente na saúde e qualidade de vida, andando na mão contrária de doenças como obesidade e hipertensão, entre outras, é não - poluente, estimula a prática social,

a economia local pela proximidade das atividades e serviços, além do valor do investimento em infraestrutura para pedestres ser significativamente menor que para veículos motorizados. Isto, combinado com a oferta e conexão com transporte público de qualidade, promove o desenvolvimento social e econômico da sociedade. Ainda assim, é difícil o investimento no desenho urbano para pessoas acontecer. Prefere-se manter métodos mais tradicionais de construção. Garantir a **segurança** pela vigilância natural das pessoas, por exemplo, ainda é mal explorada, uma vez que ela influi nos diversos aspectos relacionados com a urbanidade do Parque Bodocongó. A solução oferecida foi a implementação de uma Unidade de Polícia Solidária (UPS). Mesmo com esse equipamento, alguns entrevistados reclamaram da insegurança ou da sensação dela, principalmente pela falta de rondas policiais dentro do parque e pela localização da UPS, que por ficar próxima da saída do parque, ainda que em uma topografia mais elevada, não permite uma melhor visibilidade do parque e de seus usuários pela distância e extensão física do parque. Outros entrevistados reclamaram dos usuários de drogas nas dependências do parque, do vandalismo nos equipamentos, como depredação e pichação (FIGURA 28) e dos furtos do patrimônio, como o que aconteceu com as torneiras do banheiro (por esse motivo muitas vezes fechado), das redes de vôlei e das cestas de basquete.

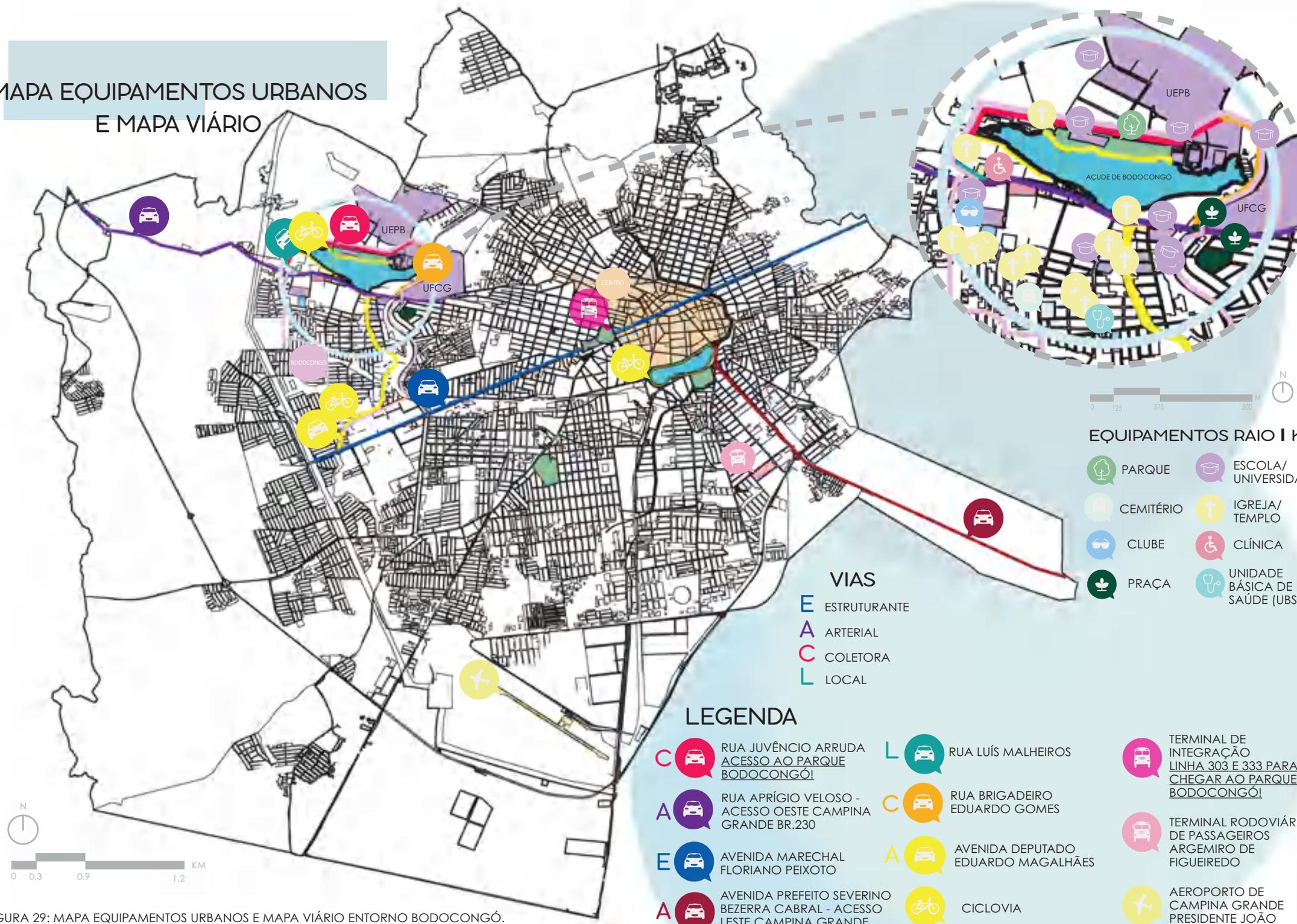
Além disso, o espelho d'água (FIGURA 28), que foi pensado como área de contemplação, foi desativado porque a população carente o estava utilizando como piscina. Ademais, a existência do espelho d'água é questionada, uma vez que já está localizado ao lado de um corpo d'água considerável e a cidade sofrer com crise hídrica de tempos em tempos, uma vez que a sua água não era reaproveitada, nem captada da chuva. Isso tudo influencia na conservação do parque, pois não há um reparo ou manutenção imediata, prejudicando a utilização do espaço pelos usuários.



O responsável pelo parque no entanto, garantiu que apesar do mesmo sofrer vandalismo frequentemente, é um lugar que promove a segurança dos usuários, visto que até o dia da entrevista (13 de setembro de 2019), nenhuma ocorrência policial de furto de pessoas ou violência tinha sido registrada dentro do parque. Segundo ele, devido à sua segurança, os campinenses estão trocando o Parque da Criança, localizado na Zona Sul da cidade, o qual possui várias ocorrências de furto, pelo Parque de Bodocongô, onde está situado o Batalhão de Força Regional da Polícia Militar. A implantação do parque, para ele, inclusive melhorou a segurança dos arredores, uma vez que o local de implantação antes da construção era considerado perigoso e violento justamente pela proximidade da Vila dos Teimosos.

FIGURA 28: DEPREDACÕES E PICHACÕES PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ.
FONTE: FOTOS ARQUIVO PESSOAL, OUTUBRO 2020.

MAPA EQUIPAMENTOS URBANOS E MAPA VIÁRIO



EQUIPAMENTOS RAIO 1 KM

-  PARQUE
-  ESCOLA/
UNIVERSIDADE
-  CEMITÉRIO
-  IGREJA/
TEMPLO
-  CLUBE
-  CLÍNICA
-  PRAÇA
-  UNIDADE
BÁSICA DE
SAÚDE (UBS)

VIAS

- E** ESTRUTURANTE
- A** ARTERIAL
- C** COLETORA
- L** LOCAL

LEGENDA

- | | | |
|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> C  RUA JUVÊNIO ARRUDA ACESSO AO PARQUE BODOCONGÓ! A  RUA APRÍGIO VELOSO - ACESSO OESTE CAMPINA GRANDE BR.230 E  AVENIDA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO A  AVENIDA PREFEITO SEVERINO BEZERRA CABRAL - ACESSO LESTE CAMPINA GRANDE BR.230 | <ul style="list-style-type: none"> L  RUA LUÍS MALHEIROS C  RUA BRIGADEIRO EDUARDO GOMES A  AVENIDA DEPUTADO EDUARDO MAGALHÃES  CICLOVIA | <ul style="list-style-type: none">  TERMINAL DE INTEGRAÇÃO LINHA 303 E 333 PARA CHEGAR AO PARQUE BODOCONGÓ!  TERMINAL RODOVIÁRIO DE PASSAGEIROS ARGEMIRO DE FIGUEIREDO  AEROPORTO DE CAMPINA GRANDE PRESIDENTE JOÃO SUASSUNA |
|---|---|--|

FIGURA 29: MAPA EQUIPAMENTOS URBANOS E MAPA VIÁRIO ENTORNO BODOCONGÓ.
FONTE: MAPA SEPLAN (2016) MODIFICADO PELA AUTORA.

MAPA PERMEABILIDADE PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ

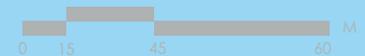
ACESSO PRINCIPAL RUA JUVÊNCIO ARRUDA

LIMITE COM DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA (UEPB)

AÇUDE BODOCONGÓ

LEGENDA

- GRADIL
- ACESSO AO PARQUE



LIMITE VILA DOS TEIMOSOS

LIMITE COM CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA SAÚDE (CCBS) (UFCG)

FIGURA 30: MAPA PERMEABILIDADE. VISTA DE DENTRO DO PARQUE, LIMITES COM O ENTORNO. FONTE: GOOGLE EARTH MODIFICADO PELA AUTORA. FOTOS: ARQUIVO PESSOAL, OUTUBRO 2020.

CORTE TERRENO PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ

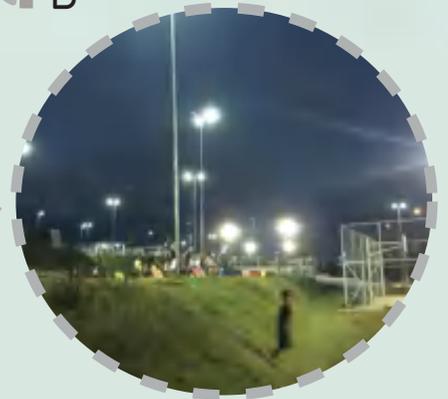
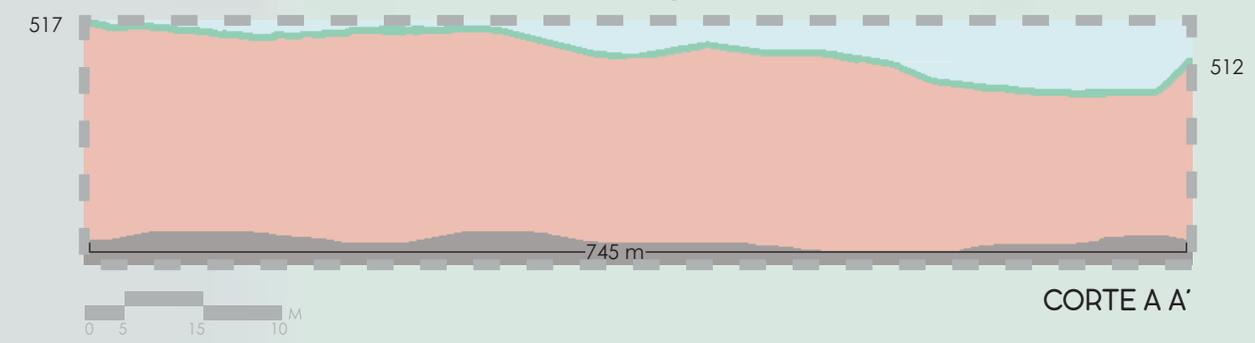
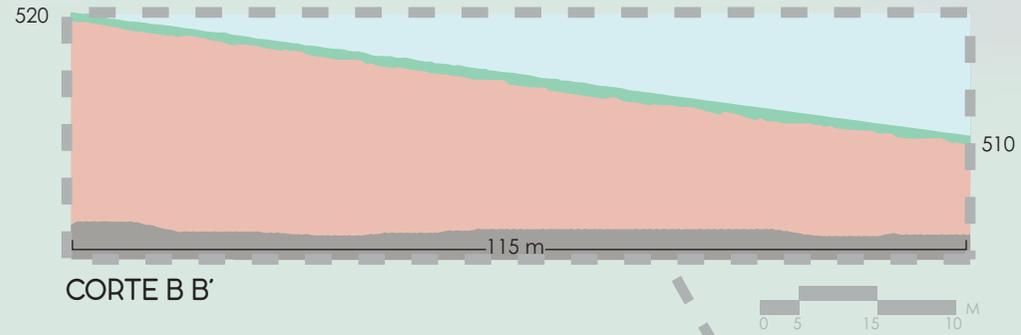


FIGURA 31: CORTE TERRENO PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ E TALUDES SUAVIZAÇÃO TOPOGRAFIA .
FONTE: GOOGLE EARTH MODIFICADO PELA AUTORA. FOTO: ARQUIVO PESSOAL, OUTUBRO 2019.

FOTOS VISTA OBSERVADOR PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ



PISTA DE BICICROSS



JOGOS DE MESA



PLAYGROUND



PISTA DE SKATE



PÍER



PISTA DE PATINS



QUADRA
BASQUETE
DE RUA



ACADEMIA
POPULAR



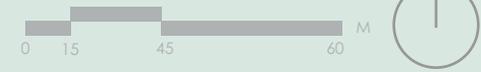
ESPELHO
D'ÁGUA



ÁREA DE DESCANSO E
CONTEMPLAÇÃO



FIGURA 32: FOTOS VISTA OBSERVADOR PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ.
FONTE: GOOGLE EARTH MODIFICADO PELA AUTORA. FOTOS: ARQUIVO PESSOAL, OUTUBRO 2020.



Assim como esperado, a pesquisa mostrou que a maior parte dos usuários é do entorno do Parque Bodocongó, sendo 24 pessoas (26,67%) do **Bairro** de Bodocongó, seguido de 7 da Prata, 6 das Malvinas e Bela Vista e 5 do Centro e Ramadinha. Mas, a surpresa foi quanto a utilização do parque pelos usuários de bairros mais distantes como Catolé (5), Velame (1), Lauritzen (1), Louzeiro (1) e Itararé (1). No geral, os usuários vem de diversos pontos da cidade e, embora a população vizinha seja a maioria, há uma heterogeneidade tanto na localidade dos usuários quanto nas atividades exercidas por eles (GRÁFICO 02).

A caminhada/corrida foi a **atividade** mais exercida pelos frequentadores do parque, respondida por 35 pessoas de 90 entrevistados, seguida por contemplar (18), futebol (8), pedalar e brincar no *playground* com as crianças (7). Já as atividades menos utilizadas foram: dança de *Hip Hop*, passeio com animais, academia popular, academia e basquete (2). Também foram citadas as seguintes atividades: vôlei, conversar (5), *skate* (4), patins (4) e piquenique (3). As pessoas indicaram que praticavam mais de uma atividade no parque, geralmente uma das opções era caminhada/corrida, contemplar e outra atividade diversa. (GRÁFICO 03)

Quanto à **faixa etária**, o público entrevistado foi em sua maior parte adultos (dos 20 aos 59 anos) (71), seguido por jovens (até 19 anos) (18) e apenas 1 idoso (a partir dos 60 anos). (GRÁFICO 04)

BAIRROS

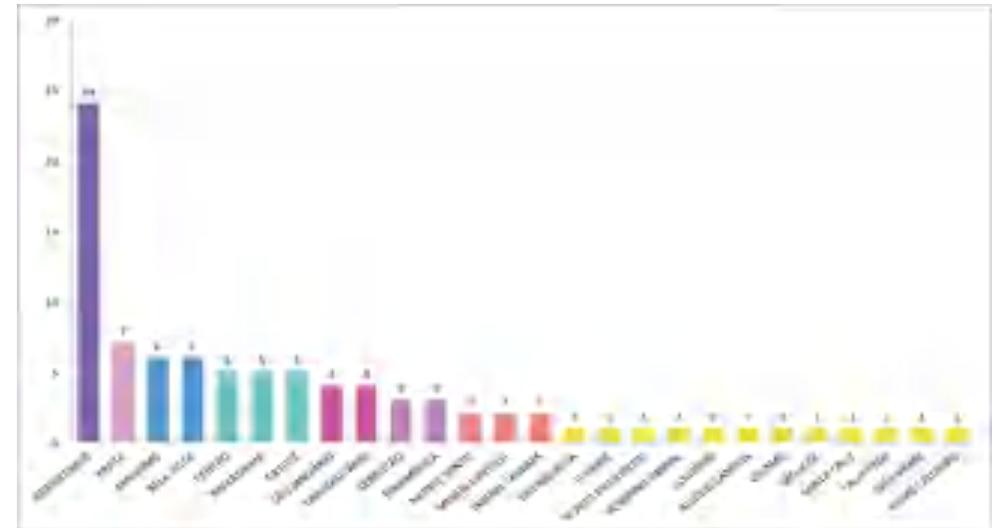


GRÁFICO 02: BAIRROS DOS USUÁRIOS.
 FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

ATIVIDADES

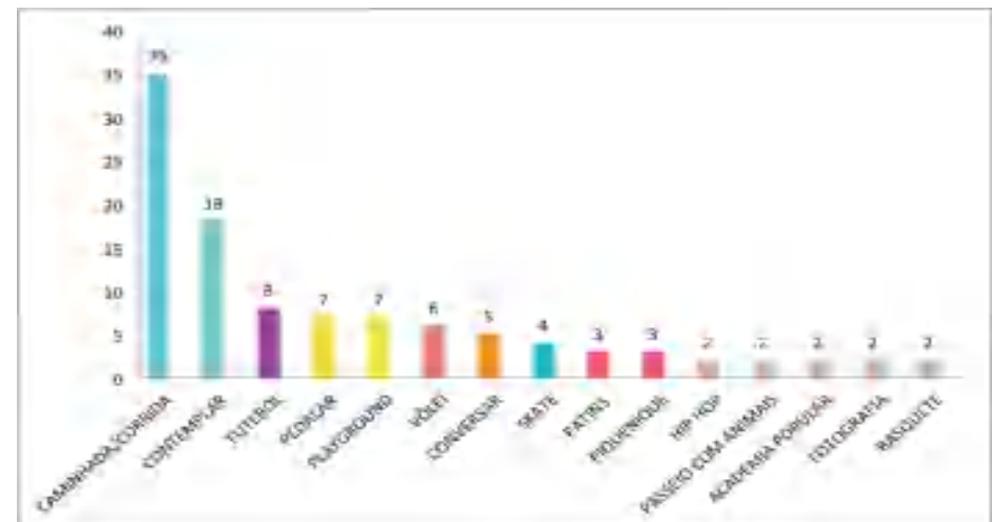


GRÁFICO 03: ATIVIDADES EXERCIDAS PELOS USUÁRIOS.
 FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

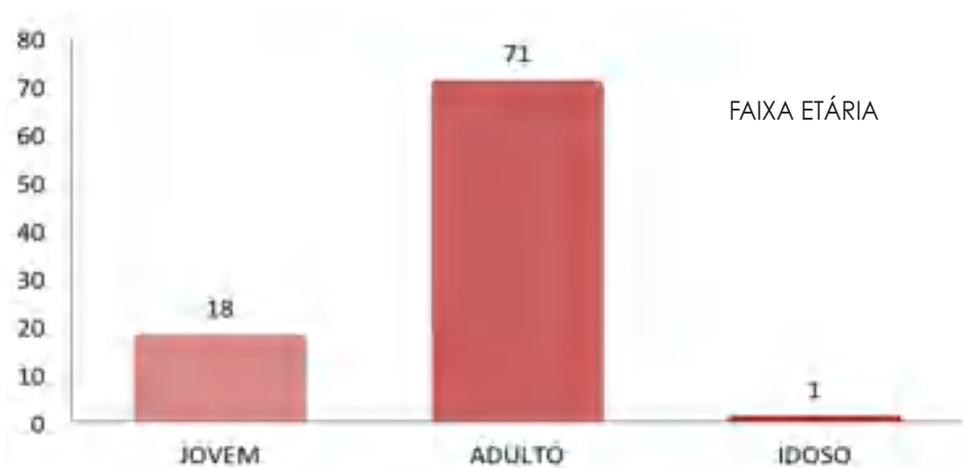


GRÁFICO 04: FAIXA ETÁRIA DOS USUÁRIOS.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

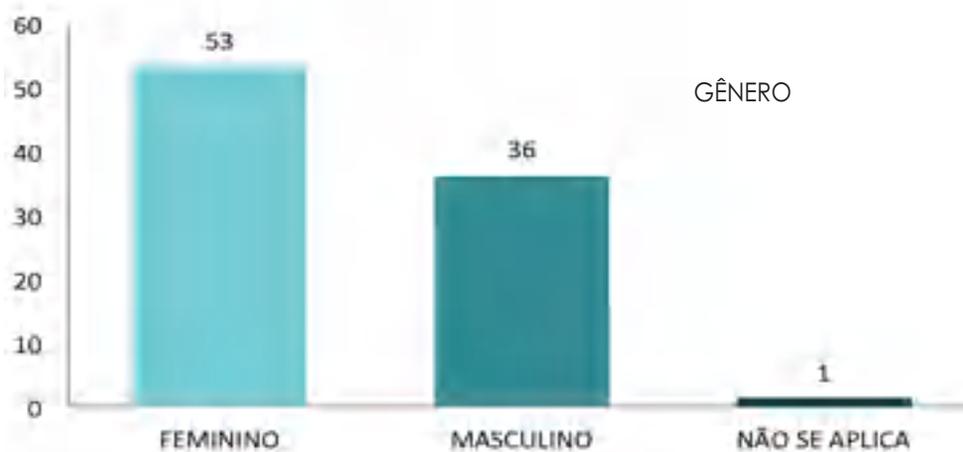


GRÁFICO 05: GÊNERO DOS USUÁRIOS.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

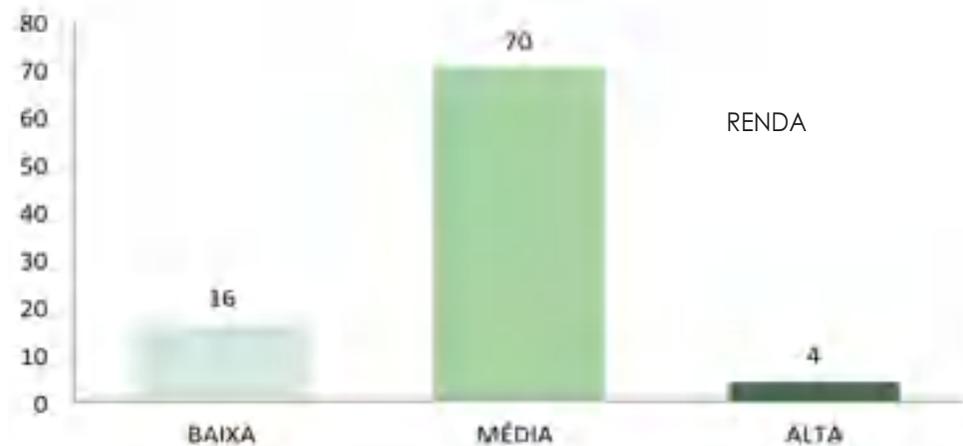


GRÁFICO 06: RENDA DOS USUÁRIOS.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

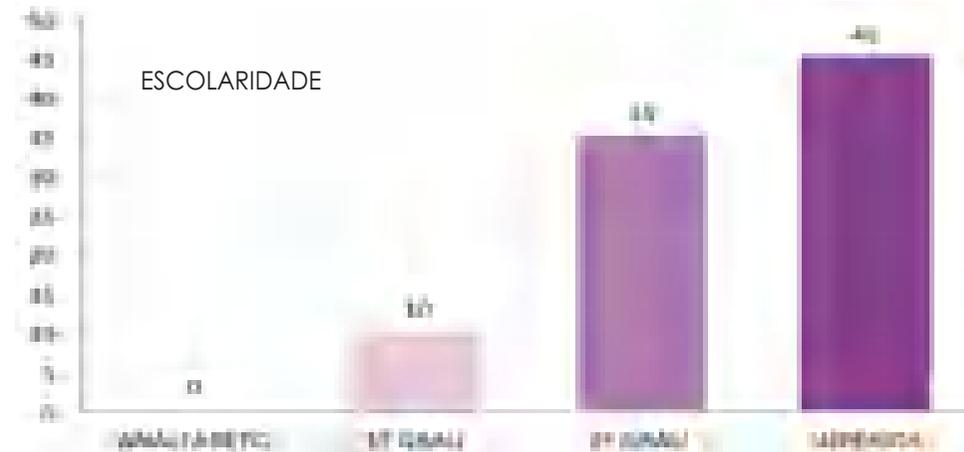


GRÁFICO 07: ESCOLARIDADE DOS USUÁRIOS.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.



GRÁFICO 08: RAÇA DOS USUÁRIOS.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

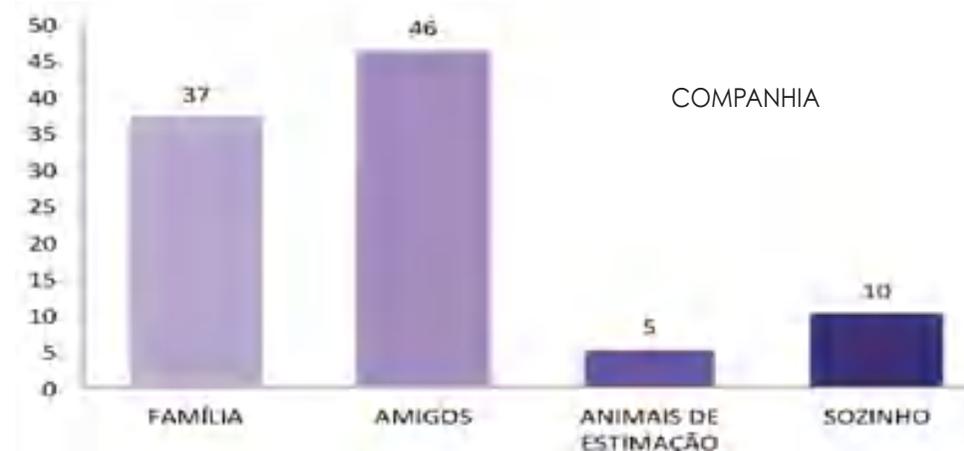


GRÁFICO 09: COMPANHIA DOS USUÁRIOS.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

Já quanto ao **gênero**, 53 pessoas entrevistadas foram do sexo feminino (58,89%) e 36 pessoas do sexo masculino (40%), sendo uma pessoa agênero (1,1%) (GRÁFICO 05). O fato de haver mais mulheres no espaço, segundo Gehl e Svarre (2013), é um fator que pode ser indicativo de segurança, pois - por serem mais vulneráveis - tendem a frequentar espaços mais seguros ou que transmitam essa sensação de segurança, assim como idosos e crianças. Essas últimas não foram entrevistadas, mas como brincar no *playground* foi uma das atividades mais citadas (7) pelos responsáveis, também é um bom indicador.

Com relação a **renda** (GRÁFICO 06), 16 pessoas (17,78%) consideraram-se como de baixa renda, 70 pessoas (77,78%) como sendo de renda média e 4 (4,44%) como sendo alta renda. Quanto à **escolaridade**, nenhum analfabeto (0%) foi entrevistado, 10 pessoas (11,11%) afirmaram ter 1º grau completo, 35 afirmaram terem o 2º grau completo (38,88%) e a metade dos entrevistados (50%) afirmou ter curso superior, somando 45 pessoas (GRÁFICO 07).

Sobre a **raça** dos entrevistados, mais da metade (55,55%) considera-se como pardo (50 pessoas), 31 pessoas brancas (34,44%), 8 pretos (8,88%) e 1 (1,11%) amarelo (GRÁFICO 08). Sobre a **companhia** de visita ao parque, a maior parte afirmou visitá-lo com os amigos (46 pessoas), seguido por aquelas que vão em família (37), 10 que afirmaram ir sozinhas e 5 na companhia de animais. Algumas pessoas afirmaram ir

com mais de uma opção, normalmente família e amigos. (GRÁFICO 09).

Influenciado pelo sol e a falta de sombreamento, a maior parte dos usuários frequentam o parque na parte da tarde (65 pessoas) e pela manhã logo cedo (24 pessoas), a sensação de insegurança também inibe um pouco as pessoas de frequentarem o parque na parte da noite, com apenas 14 pessoas frequentando o parque nesse horário, a maior parte dos usuários frequenta pela parte da tarde e estende a permanência até a noite. (GRÁFICO 10). Na entrevista feita antes da Pandemia com o administrador do parque, ele relatou que o problema de falta de sombreamento estava sendo resolvido com a implementação de mudas; 500 mudas foram plantadas, dentre elas: ipê, jacarandá, cacau, pingo de ouro e algumas palmeiras e para um futuro próximo previa-se o cultivo de mais 500 outras, criando assim um ambiente com mais áreas de convivência e permanência.

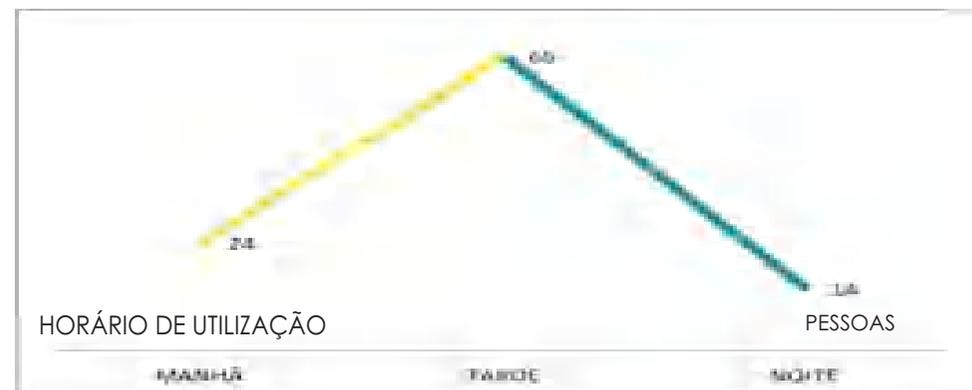


GRÁFICO 10: HORÁRIO DE UTILIZAÇÃO DOS USUÁRIOS.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

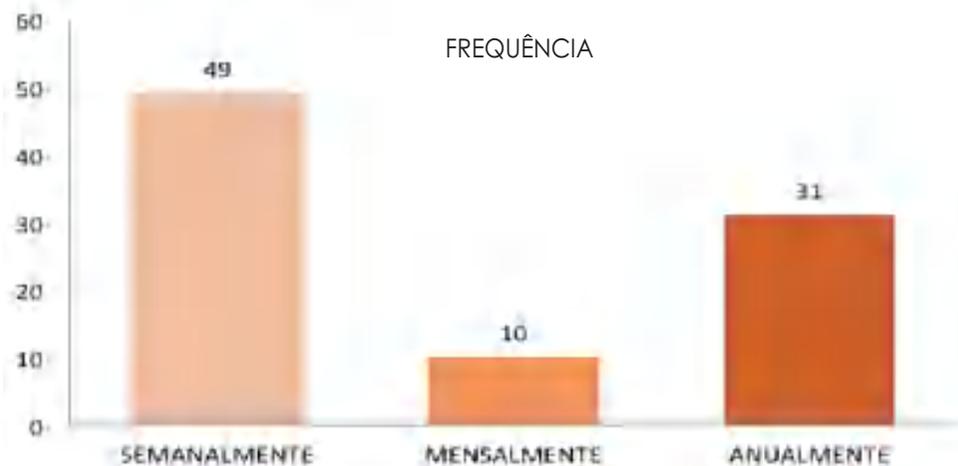


GRÁFICO 11: FREQUÊNCIA DOS USUÁRIOS.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.



GRÁFICO 12: FREQUÊNCIA SEMANAL DOS USUÁRIOS.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.



GRÁFICO 13: PERMANÊNCIA DOS USUÁRIOS.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

Em relação à **frequência**, percebe-se que há uma assiduidade dos usuários pelo fato que 49 pessoas (54,44%) entrevistadas relataram que frequentam o parque semanalmente, enquanto 10 (11,11%) afirmaram que frequentam mensalmente e 31 (34,44%), anualmente, sendo o fim de semana o período de maior frequência e o sábado o ápice com 52 usuários, seguido pelo domingo com 28 pessoas e a sexta com 14. (GRÁFICO 11). Nas terças (10 pessoas) e quintas (13 pessoas), por possuir jogos de vôlei semanais, tem um pouco mais frequentadores que nas segundas e quartas (8). No quesito de **frequência semanal**, grande parte dos entrevistados afirmaram frequentar o parque mais de um dia na semana, principalmente os que participam de grupos de atividades como vôlei, basquete, *Hip Hop*, skate... que promovem encontros semanais para a prática das atividades (GRÁFICO 12). Quanto à **permanência** no parque (GRÁFICO 13), 80 pessoas (88,89%) afirmaram passar de 1-3 horas, enquanto 6 pessoas (6,66%) disseram passar de 4-6 horas e 4 pessoas (4,44%) mais de 6 horas. Portanto, o parque apresenta, em geral, uma maior brevidade na permanência e uma alta rotatividade de usuários, a não ser aqueles que praticam atividades em grupo como vôlei, skate, futsal e *Hip Hop*, que - além da prática dessas atividades - exercem a prática social e levam mais tempo no local, assim como os skatistas cujo estilo de vida costumam passar muito tempo em grupo.

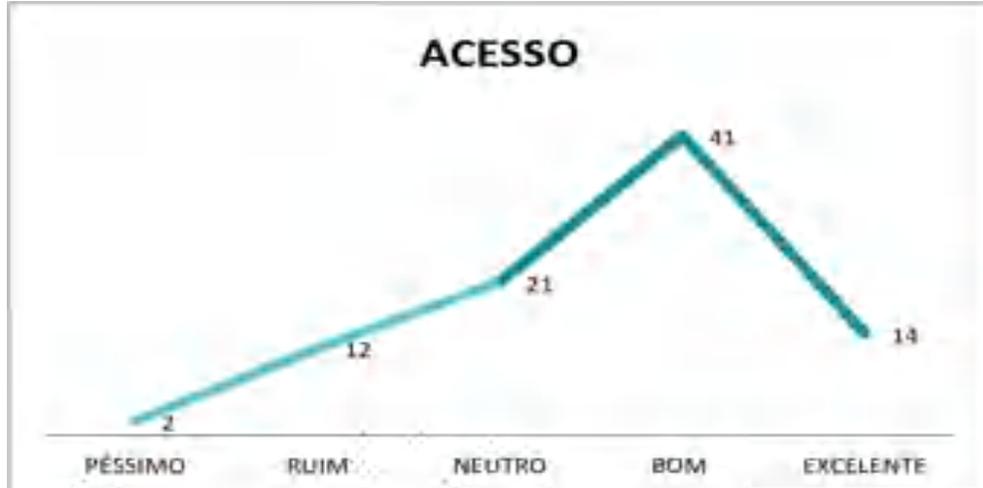
ACESSO

GRÁFICO 14: NÍVEL DE SATISFAÇÃO ACESSO AO PARQUE.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

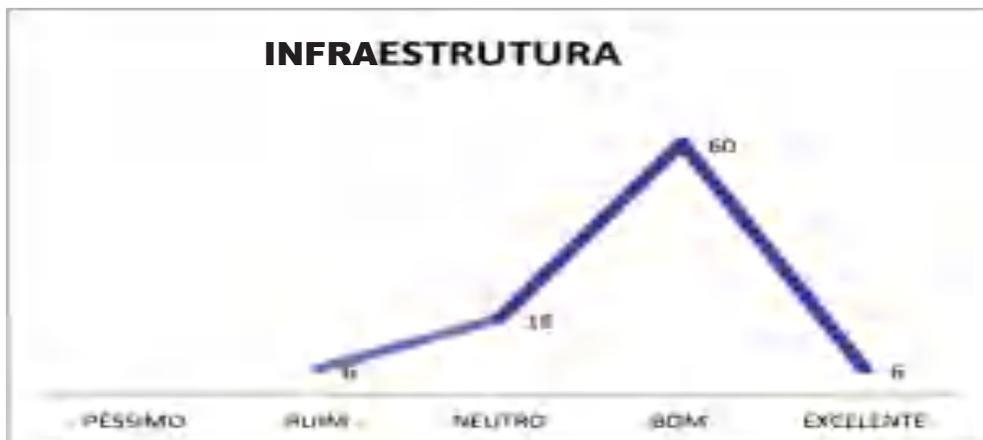
INFRAESTRUTURA

GRÁFICO 15: NÍVEL DE SATISFAÇÃO INFRAESTRUTURA DO PARQUE.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

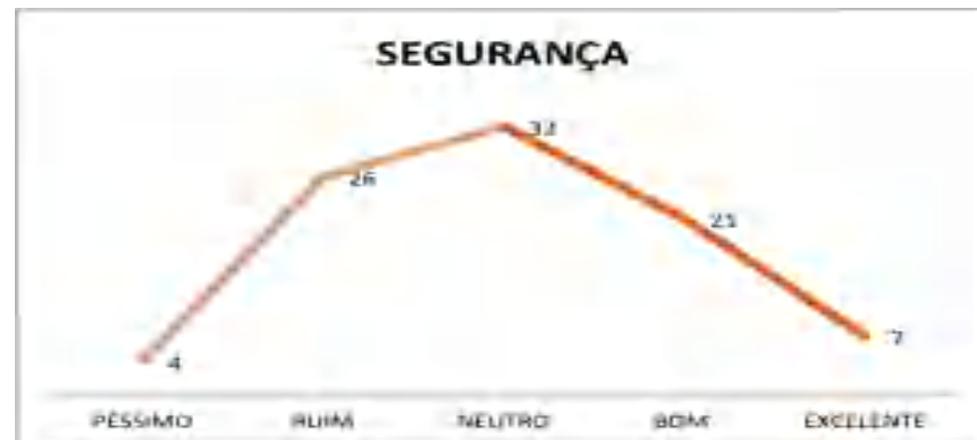
SEGURANÇA

GRÁFICO 17: NÍVEL DE SATISFAÇÃO SEGURANÇA DO PARQUE.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

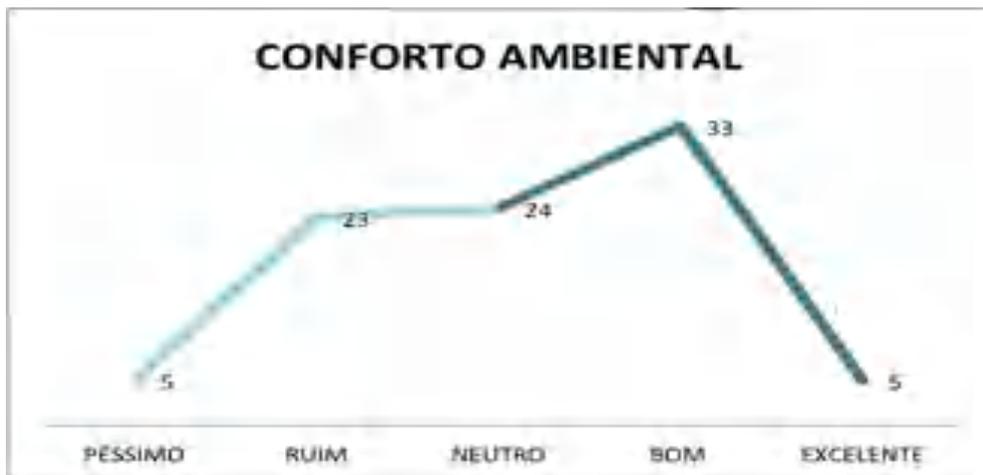
CONFORTO AMBIENTAL

GRÁFICO 16: NÍVEL DE SATISFAÇÃO CONFORTO AMBIENTAL DO PARQUE.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

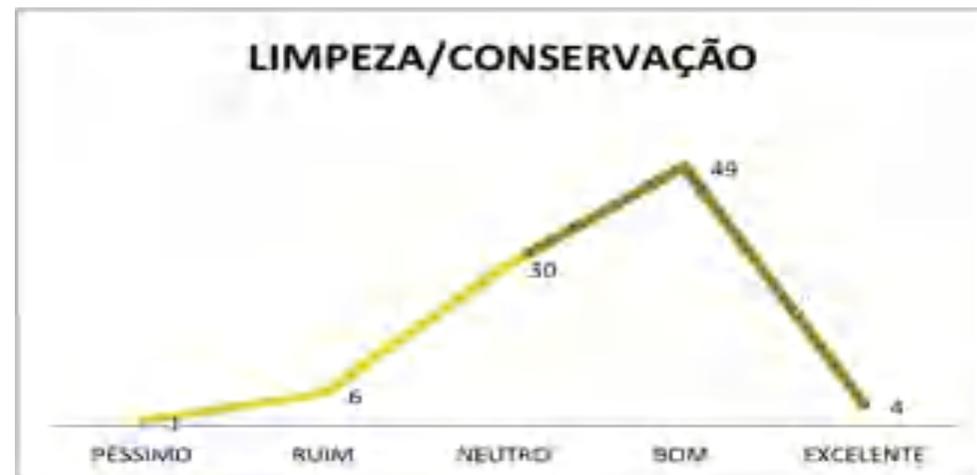
LIMPEZA/CONSERVAÇÃO

GRÁFICO 18: NÍVEL DE SATISFAÇÃO LIMPEZA/ CONSERVAÇÃO DO PARQUE.
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

Alguns atributos gerais foram considerados para análise de opinião dos usuários, tais como: acesso, infraestrutura, conforto ambiental, segurança, limpeza/conservação e satisfação geral. A maior parte dos atributos foram considerados bons, incluindo o nível de satisfação geral, com exceção da segurança que foi considerada neutra.



GRÁFICO 19: NÍVEL DE SATISFAÇÃO GERAL DO PARQUE.
 FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

No quesito **acesso** ao parque (GRÁFICO 14), muitos reclamaram do acesso unicamente pela Rua Juvêncio Arruda, uma vez que o mesmo é mal sinalizado e confuso, além do fato das quatro entradas (duas principais, uma secundária e uma da UPS) estarem todas voltadas para a mesma rua, na parte mais isolada do açude. Assim, a ligação pela ponte ao outro extremo do açude (sul) promoveria uma melhoria sendo mais uma opção de acesso, dessa vez pela via arterial Aprígio Veloso, uma das principais da cidade, sendo inclusive a rua onde fica o acesso principal da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). No entanto, como esta ponte não foi executada nem o restante do açude urbanizado para dar à continuidade sua orla, o parque continua isolado e pouco integrado.

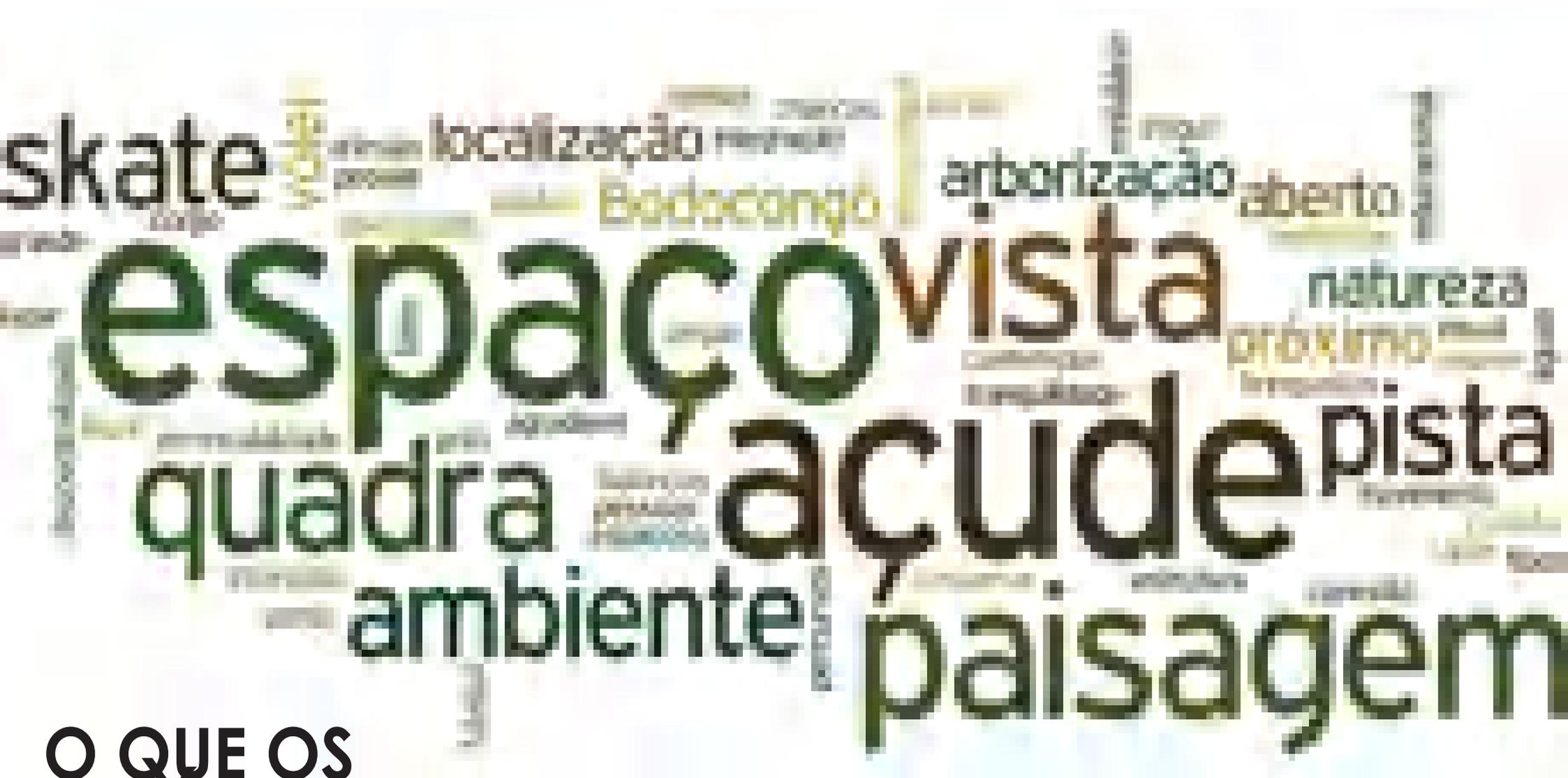
Quanto à **infraestrutura** (GRÁFICO 15), o parque recebeu muitos elogios por contar com uma vasta área de quase 60 mil metros quadrados, muitos equipamentos urbanos variados e principalmente esportivos que não são encontrados em outros parques da cidade.

Quanto ao **conforto**, à **segurança** e à **limpeza/conservação** (GRÁFICOS 16, 17 e 18), esses foram os aspectos mais reclamados nas entrevistas. As maiores reclamações quanto ao conforto foram: a falta de arborização, de mobiliário de mesa e cadeira em alguns pontos e de áreas sombreadas de convivência. No quesito segurança, as maiores queixas foram: a falta de ronda policial e de policiais à paisana, seguida do uso de drogas dentro do espaço. Quanto à limpeza/conservação, a principal crítica foi a falta de manutenção dos equipamentos, alguns pichados e deteriorados, mesmo a limpeza acontecendo diariamente pelos funcionários do parque.

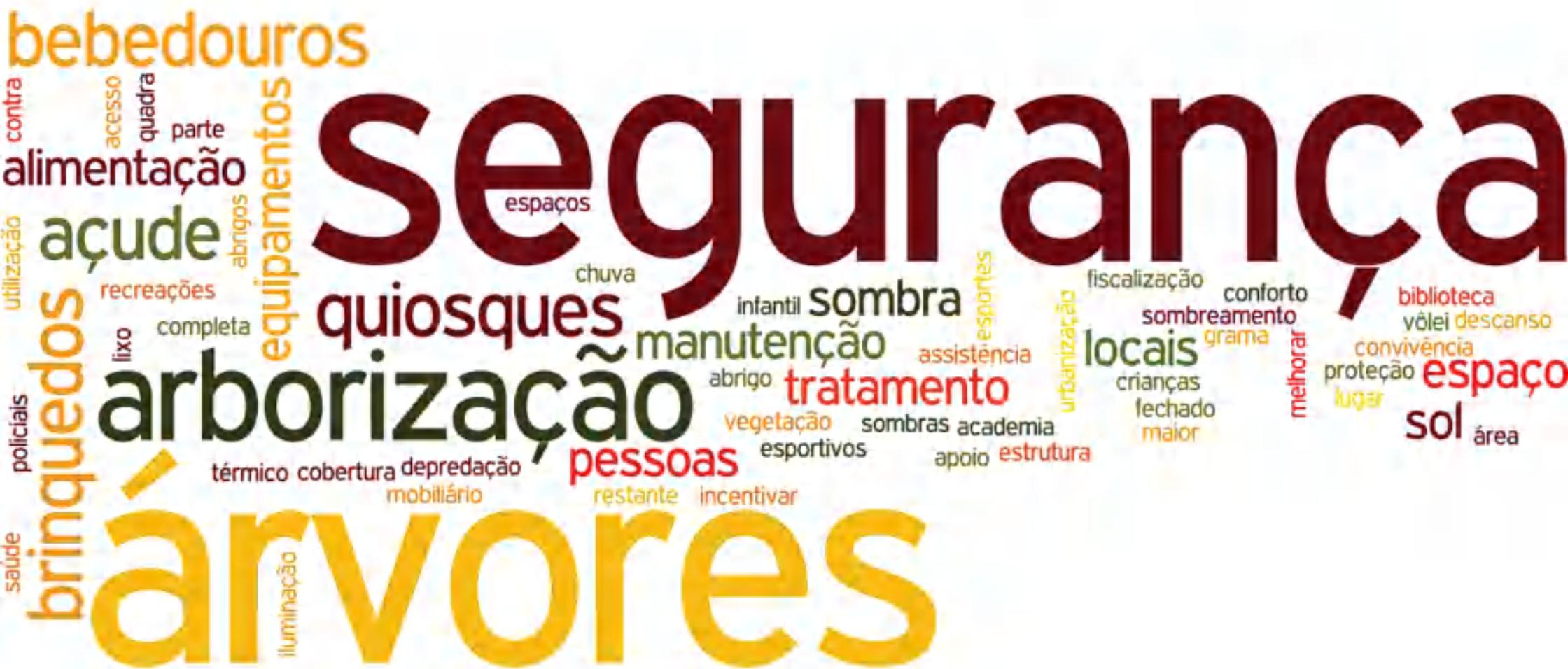
O nível de satisfação geral (GRÁFICO 19) foi bom, uma vez que a infraestrutura pesou positivamente nas respostas dos usuários, enquanto o conforto, a segurança e a conservação pesaram negativamente, mas de maneira que não influenciaram nem impediram a assiduidade dos usuários, uma vez que o conforto ambiental era minimizado por eles ao escolherem horários de sol mais brando, assim como a insegurança e a falta de conservação não chegavam a inibir os usuários de frequentarem o espaço e nem o acesso. Para os que já foram alguma vez ou o frequentam bastante, também não é um fator limitador, uma vez que o parque possui duas linhas de ônibus que passam na rua de acesso e estacionamento próprio para os que vão em condução própria.

No questionário foi pedido para os usuários escreverem o que **mais gostavam** no parque, o que **não gostavam** e o que **poderia melhorar**. As nuvens de palavras apresentadas a seguir (FIGURAS 33, 34 e 35) apontam as principais qualidades, defeitos e melhorias que poderiam ocorrer no parque. Dentre as qualidades mais citadas estão: o espaço tanto físico; a infraestrutura, como quadras e área esportiva, como o potencial paisagístico de onde está inserido, às margens do açude; a ambiência no geral; e a conexão com o meio ambiente e a natureza. Dentre os defeitos mais citados, destacam-se aqueles relacionados ao conforto térmico e ambiental, tais como: a falta de sombreamento e arborização. Além da poluição do açude. Quanto à infraestrutura, a principal queixa foi sobre a falta de bebedouros e de manutenção nos equipamentos em geral e principalmente no *playground*. A sensação de insegurança também foi bastante citada e o uso de drogas nas dependências do parque. Já com relação as melhorias, além das já citadas (segurança, arborização e manutenção), as pessoas sugeriram também melhorias na parte da área de alimentação, uma vez que a mesma só possui três quiosques, que normalmente não estão em funcionamento e em área de topografia mais elevada, ficando isolada do restante do parque, onde acontecem as

atividades. Os banheiros também foram citados por serem apenas em dois quiosques (dois femininos e dois masculinos, um de cada em cada quiosque) e por estarem, geralmente, fechados devido aos furtos dos seus utensílios.



O QUE OS
USUÁRIOS MAIS
GOSTAM NO
PARQUE?



**O QUE PODERIA
MELHORAR NO
PARQUE?**

A *priori*, o intuito dessa parte da pesquisa seria a aplicação do método de Gehl e Svarre (2013) para análise comportamental por meio de observação local do comportamento dos usuários. No entanto, com a pandemia do COVID-19, o parque ficou fechado durante todo o tempo (mais de um ano) e mesmo com a flexibilização da mesma, não reabriu em nenhum momento. O administrador do parque foi novamente contatado em outubro de 2020 para saber se haveria previsão de reabertura e afirmou que estava em protocolo para manutenção e limpeza para abertura futura. Contudo, até o atual momento, abril de 2021, com o agravamento da Pandemia, o parque ainda não reabriu e segue sem previsão de reabertura e sem manutenção. Os secretários do governo afirmaram em entrevistas que a prioridade atual do governo seria a vacinação e a saúde pública, e - como o parque se encaixaria em lazer e poderia promover aglomerações - não era prioridade no atual estado da Pandemia.

Ainda em outubro de 2020 foi feita mais uma visita de campo, mesmo estando apenas a UPS funcionando para registro de fotos. Para a nossa surpresa, a situação tinha se agravado muito em relação à última visita em março de 2020, antes da Pandemia. A imagem era de abandono grave, com a vegetação encobrindo alguns equipamentos mais deteriorados que nunca, alguns pichados, outros

avariados, com peças furtadas e o restante da vegetação possuía aparência seca pela falta de irrigação.

A seguir é realizada uma análise comparativa das fotos antes e durante a Pandemia.



LEGENDA

ATIVIDADES EM PRIMEIRO PLANO

- 1 APRESENTAÇÃO
- 2 SKATE E BICICLETA
- 3 FOTOGRAFIA
- 4 BICICLETA E CAMINHADA
- 5 PLAYGROUND
- 6 BICICLETA E *PLAYGROUND*
- 7 CONTEMPLAÇÃO E PATINS
- 8 ACADEMIA POPULAR E FUTEBOL
- 9 BASQUETE E FUTEBOL
- 10 CORRER/ BRINCAR

Nas fotos tiradas antes da Pandemia, no período final de 2019 à março de 2020 (FIGURA 36), é percebida bastante vitalidade promovida principalmente pela urbanidade do local. Isso acarretava também o efeito inverso e atraía mais usuários, os quais foram captados pelas fotografias realizando diversas atividades, algumas vezes concomitantemente, outras em momentos distintos, no mesmo equipamento ou não.

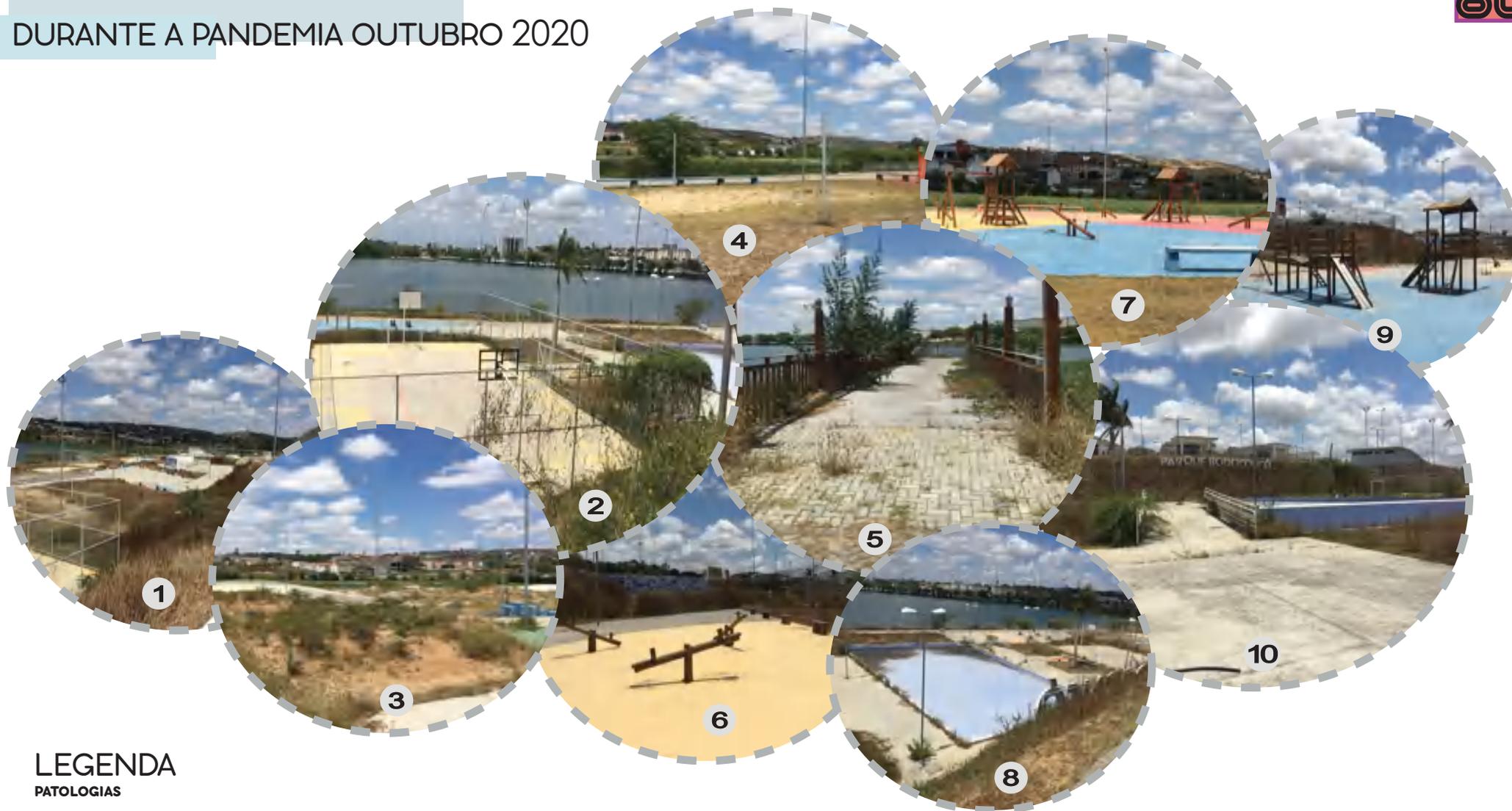
Em uma das fotos há uma apresentação do movimento estudantil no anfiteatro enquanto pessoas conversam, assistem em pé e sentadas, deitadas e sentadas no talude, com e sem bicicletas. Em outro momento, há pessoas no telefone, outra pessoa modelando enquanto há pessoas ao redor fotografando, auxiliando ou apenas observando. Frequentemente nas fotos observa-se pessoas caminhando, jogando basquete/ futebol ou assistindo o jogo, sentadas ou em pé, enquanto outras andam de bicicleta, vendedores ambulantes vendem lanches, skatistas andam de *skate* na rampa própria, pessoas contemplam a paisagem e fotografam-a inclusive no píer, ao mesmo tempo que crianças e adultos brincam no *playground*, de patins ou patinete. Nas fotos tiradas durante horários de sol mais forte, há sempre alguém à sombra, seja dos equipamentos ou das edificações. Observa-se também a presença de animais de estimação passeando e pessoas utilizando a academia popular para se exercitar.

Outras atividades também foram bastante observadas em campo como: vôlei e *Hip Hop*, esse último, geralmente performado pelo mesmo grupo que joga basquete no parque.

As fotos da figura 37 mostram que, durante o período em que ficou fechado, o parque decaiu muito a sua urbanidade e vitalidade. A vegetação secou, incluindo as mudas recém plantadas, e cresceu de forma desordenada, invadindo equipamentos como a pista de bicicross, o que impede a prática futura do esporte, assim como a quadra poliesportiva e o píer. Ao mesmo tempo, este fato contribuiu para a maior aridez e menor conforto ambiental do parque, o que já era uma problema antes da Pandemia. A infraestrutura física também sofreu graves avarias. Os *playgrounds* foram danificados, principalmente a parte da estrutura feita de corda, como balanços e degraus de acesso à casinha, os assentos de algumas gangorras também foram depredados, juntamente com algumas mesas de jogos. O espelho d'água - que já não funcionava antes da Pandemia - passou a acumular sedimentos e as redes de vôlei e cestas de basquete foram furtadas. Além disso, em alguns pontos do parque, encontra-se lixo no chão e dentro do açude.

A falta de manutenção dificulta ainda mais a sua reabertura porque todo o esforço que vinha sendo feito para incentivar e atrair o público, terá que ser refeito. Portanto, a urbanidade nesse período esvaiu-se por inteira e não só do parque, mas das redondezas, aumentando a sensação de insegurança geral. Isso poderia ser evitado se a manutenção não tivesse parado com a Pandemia e se o parque tivesse reaberto quando houve a flexibilização da mesma, assim como todos os outros parques da cidade que voltaram a funcionar. Contudo, seguindo todos os protocolos de saúde que a OMS recomenda como distanciamento físico, utilização de máscaras, disponibilização de álcool em gel e em alguns caso aferimento de temperatura, pois diferentemente do que os secretários do governo afirmaram em se tratar apenas de equipamento de lazer, o parque traz qualidade de vida à população e impacta na saúde pública por incentivar a prática de atividades físicas. Portanto, melhora as saúdes física e mental da população, que mais do que nunca precisa ser zelada nessa situação atual tão restritiva quanto difícil.

DURANTE A PANDEMIA OUTUBRO 2020



LEGENDA

PATOLOGIAS

- | | |
|--|--------------------------------------|
| 1 VEGETAÇÃO SECA | 6 PLAYGROUND SEM VITALIDADE |
| 2 VEGETAÇÃO ENCOBRINDO QUADRA DANIFICADA | 7 PLAYGROUND 2ª FASE AVARIADO |
| 3 PISTA DE BICICROSS INVADIDA POR VEGETAÇÃO | 8 ESPELHO D'ÁGUA VAZIO |
| 4 QUADRA DE VÔLEI DE AREIA AVARIADA | 9 PLAYGROUND 1ª FASE AVARIADO |
| 5 PÍER INVADIDO POR VEGETAÇÃO | 10 LIXO NO CHÃO |

Após a criação da nuvem de palavras com as melhorias sugeridas pelos usuários, foram criadas **diretrizes físicas e de gestão** para auxiliar no retorno às atividades do parque no pós-Pandemia.

O parque deve investir mais uma vez em **arborização**, se possível, dessa vez, com ajuda da população para o plantio das mudas e de preferência juntamente com **aulas de educação socioambiental e sustentabilidade** o que poderia ser integrado a UEPB e UFCG. Uma vez que o parque leva o nome de ecológico, seria interessante a conscientização e participação da população em atividades de plantio, reciclagem, etc. promovendo aproximação dos mesmos ao equipamento pelo *“Bottom Up Urbanism.”* Ainda assim, há a necessidade mais urgente de sombra, pois as mudas levam um tempo até crescer e sombrear, isso poderia ser amenizado se algumas árvores fossem transplantadas para alguns pontos específicos do parque próximo aos mobiliários de descanso já existentes como mesas e bancos. Isso aliado a **implementação de tendas ou cobertas** em conjunto com novos equipamentos de descanso como redes, espreguiçadeiras, cadeiras embaixo dessas novas áreas sombreadas, promoveria uma maior vitalidade inclusive em momentos de insolação direta. A localização ideal desses novos equipamentos seria próximos aos que normalmente possuem maior aglomeração de pessoas como *playgrounds*

e quadras, onde os pais poderiam descansar enquanto olham as crianças e os atletas descansar entre um jogo e outro.

Quanto a estrutura, **implementar bebedouros e revitalizar** e manter os **quiosques de banheiro e alimentação** em pleno funcionamento, pois, é importante a conservação dessas estruturas de apoio para o bem estar dos usuários e conseqüentemente maior permanência dos mesmos.

Uma das etapas mais importantes e prevista em projeto da prefeitura mas ainda não executada é a **dragagem e limpeza do açude** o qual, na maioria das vezes, exala mau cheiro devido à poluição e incomoda os visitantes. Se essa etapa fosse cumprida, poderia até incentivar a volta de atividades no açude e promover o resgate histórico, impactando positivamente tanto a vida dos usuários, como o meio ambiente.

Sobre a **manutenção**, que antes acontecia diariamente com recursos do governo do estado da Paraíba distribuídos a partir de relatórios enviados pela administração do parque e repassados pelas secretarias do Estado, deve melhorar com a promessa de criação de duas secretarias dentro do parque só para assuntos de manutenção do mesmo, diminuindo um pouco a burocracia. Mas, por hora, tendo em vista o abandono, é necessária a limpeza do terreno com poda da vegetação e reparo imediato da

estrutura, principalmente as que estão depredadas e pichadas, em conjunto, o aumento na fiscalização com rondas no parque e mais policiais à paisana da própria UPS, o que diminuiria o vandalismo, além do uso de drogas nas dependências e conseqüentemente a longo prazo, os equipamentos necessitariam de menos manutenção.

No mais, continuar o trabalho que vinha sendo feito de **divulgação** pelas redes sociais, promoção de *shows*, eventos e atendimento para a população carente que no final, é o público alvo que mais necessita de ELP e o que na maioria das vezes tem menos acesso à eles. Assim, tanto atrai a atenção do público para o parque, quanto beneficia a população.

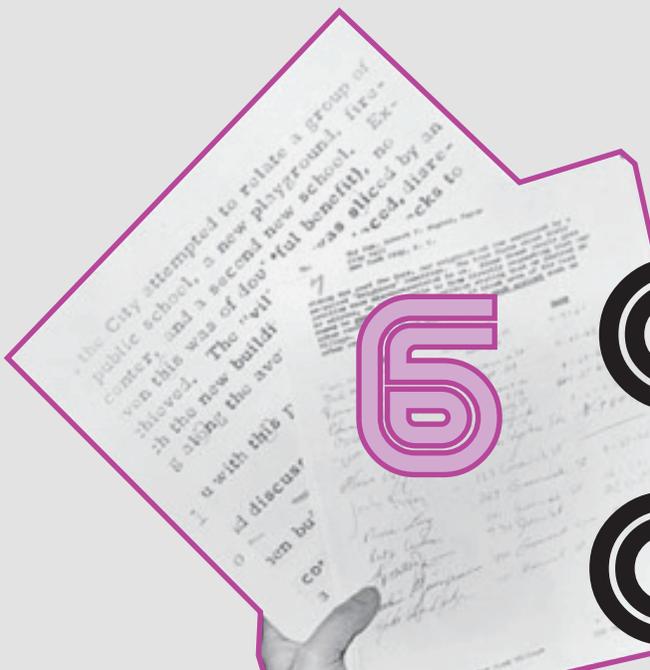
A figura 38, na próxima página, mostra uma síntese das diretrizes propostas para o parque após a Pandemia.

DIRETRIZES PÓS-PANDEMIA



Físicas:

- 1. ARBORIZAR**
 - 2. INVESTIR EM ÁREA COBERTA E MOBILIÁRIO DE DESCANSO**
 - 3. IMPLEMENTAR BEBEDOUROS**
 - 4. REVITALIZAR QUIOSQUES DE ALIMENTAÇÃO E BANHEIRO**
 - 5. DRAGAR O AÇUDE**
- De Gestão:
- 6. MINISTRAR PALESTRAS SOBRE EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL**
 - 7. MELHORAR A MANUTENÇÃO DOS EQUIPAMENTOS**
 - 8. INTENSIFICAR A SEGURANÇA POLICIAL**
 - 9. DIVULGAR O PARQUE**



6

CON
CLU
AO

6. CONCLUSÃO

Campina Grande me acolheu durante aproximadamente 10 anos e, entre idas e vindas, o Açude de Bodocongó sempre esteve presente como plano de fundo, especialmente nos últimos 3 anos, em que Bodocongó foi minha residência, em meu dia a dia, fazendo parte do meu caminho diário para a universidade. Apesar de passar pelo açude todos os dias, só tomei conhecimento da existência do parque, dentro da universidade, ao estudar os equipamentos de lazer de Campina Grande. A partir daí, passei a frequentar o espaço tanto para entendê-lo no papel de pesquisadora, como para admirar a paisagem e o pôr-do-sol como usuária.

A princípio, assim como muita gente ainda pensa, imaginava que seria subutilizado, um investimento desnecessário. Posteriormente, ao frequentá-lo, me encantou o fato de ser um espaço extremamente democrático, com vários grupos sociais dividindo o mesmo espaço concomitantemente, utilizando-o de acordo com suas necessidades e vontades, assim como a pesquisa me mostrou, pessoas de diferentes classes, escolaridades, rendas, raças e idades.

Esse trabalho foi pensado a fim de retribuir e compartilhar um pouco a minha felicidade de morar e viver Bodocongó e em Campina Grande, **cobrando** e **defendendo** o espaço

livre público principalmente em nome dos que não podem e não conseguem arcar com o lazer privado, que são os mais prejudicados, principalmente com o descaso dos governantes, que, por não terem outras opções de lazer, dependem dos espaços públicos, os quais normalmente são escassos e mal cuidados.

Assim sendo, mesmo que bastante afetado pela Pandemia e passando por várias adaptações para tornar-se viável no atual contexto mundial, espero que esse trabalho sirva como parâmetro tanto para melhorias no Parque Ecológico de Bodocongó como para outras obras futuras, incentivando cada vez mais o lazer público que é um direito universal dos cidadãos, e desse modo, outras pessoas também possam ser felizes no Bodocongó assim como eu fui, ou em qualquer outro lugar, providos de lazer e bem-estar social público e gratuito.

"EU FUI FELIZ LÁ NO BODOCONGÓ..."
"EU FUI FELIZ LÁ NO BODOCONGÓ..."
"EU FUI FELIZ LÁ NO BODOCONGÓ..."



A blurred background of a bookshelf with colorful spines (red, blue, green, yellow) and white pages. The text 'REFERÊNCIAS' is overlaid in large, bold, black letters.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADAM, Roberto Sabatella. Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen. **Revista da Vinci**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-68, 2008. Disponível em: <<http://www.up.edu.br/davinci/5/pdf21.pdf>>. Acesso em 14 jan 2021.
- AGUIAR, Douglas. Urbanidade e a qualidade da cidade. **Urbanidades. Rio de Janeiro: Letra & Imagen**, 2012.
- ALBINO, B. C. A. *et al.* PARQUE AO AVESSE: A involução do Açude Novo como espaço livre público no centro de Campina Grande. In: **X Colóquio QuapáSEL**, 2015, Brasília - DF.
- ANDRADE, V. LINKE, CC. organizadores. **Cidades pedestres: a caminhabilidade no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Babilonia Cultura; 2017. 240 p.
- ARAÚJO, Francisca Pereira. **TECENDO MEMÓRIAS, FAZENDO HISTÓRIAS: Mulheres e trabalho têxtil em Campina Grande-PB entre 1960 e 1990**. 2015. Dissertação de Mestrado - Curso de História da UFCG. Campina Grande. 2015.
- BACKES, L.; MANTOVANI, A. M.; BARCHINSKI, K. “**Educação superior em espaços híbridos: a presença e a copresença no processo de cooperação**”. *Conjectura: Filosofia e Educação*, vol. 22, n. 3, 2017.
- BARROS FILHO, M. *et al.* Áreas Urbanas em Beira D'Água: Análise de Integração com o Açude de Bodocongó com a Cidade de Campina Grande, PB. In: **XV Congresso de Iniciação Científica da UFCG**, Campina Grande, 2019.
- BARTALINI, Vladimir. **Sintonias e defasagens, os parques públicos nos planos para São Paulo**. Paisagem e Ambiente. Ensaios, São Paulo: EDUUSP, n. 7, 1995.
- BENTLEY, I.; ALCOCK, A.; MURRAIN, P.; MCGLYNN, S.; & SMITH, G. **Responsive Environments - A manual for designers**. Oxford: Architectural Press – Elsevier, 1987.
- BODOCONGÓ: ÁGUAS QUE QUEIMAM (POR EVELINE DA SILVA MEDEIROS). **Retalhos Históricos de Campina Grande**. 2021. Disponível em: <<https://cgetalhos.blogspot.com.br>>. Acesso em 20 out. 2020.
- BOVO, Marcos C; AMORIM, Margarete C. C. T. Efeitos Positivos Gerados Pelos Parques Urbanos: Um Estudo de Caso Entre o Parque do Ingá e o Parque Florestal das Palmeiras no Município de Maringá/PR. In. **XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2009.

CARVALHO, L. E. P. **Os Descaminhos das Águas no Recife: a socionatureza dos rios urbanos**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Recife, 2011.

COSTA, T. C. F. Ações antrópicas de impactos negativos no açude de Bodocongó no município de Campina Grande – Paraíba. **Revista Brasileira de Informações Científicas**. v.2, n.2, p.78-89. 2011.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Tradução de Isabel Correia e Carlos Machado. Lisboa: Edições 70, 1983.

DE MARIA, Gláucia Santos. **“Eu fui feliz lá no Bodocongó”: significados de violência e medo entre os moradores de um bairro popular em Campina Grande-PB. 2017**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

DINOÁ, Ronaldo. **Campina Grande: ontem e hoje**. Campina Grande: [s. n.], 2004.

FERNANDES, S.T. Modernização em Campina Grande nas Páginas do Diário da Borborema. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

FERREIRA, E. X., VELÔSO, T. M. G. A luta por moradia e o surgimento da Vila dos Teimosos: uma análise a partir de relatos orais. **Anais XV encontro nacional da ABRAPSO**. Maceió-AL. 2009.

FERREIRA, João Sette Whitaker. **Globalização e urbanização subdesenvolvida**. São Paulo Perspec. [online]. 2000, vol.14, n.4, pp.10-20. ISSN 1806-9452. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000400003>.> Acesso em 14 jan 2021.

Freitas, Cândida; Rita Sá Carneiro Ribeiro, Ana. **O parque 13 de Maio na modernização do Recife**. 2006. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

GEHL, J. **Cidade Para Pessoas**. Tradução: Anita di Marco. 2 ° edição. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, J.; SVARRE, B. **A Vida Na Cidade: Como Estudar**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

GOULD, K. A. e LEWIS, T. L. **Green Gentrification: Urban sustainability and the struggle for environmental justice**. Routledge: 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo do IBGE, 2019.** Disponível em: <<https://censo2019.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>>. Acesso em: 22 jun. de 2020.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** 3a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KLIASS, Rosa Grená. **Os Parques Urbanos de São Paulo.** Pini, 1993.

LAMAS, José M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.** Ed. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 3a ed., 2004.

LEENHARDT, Jaques (org). **Nos jardins de Burle Marx.** São Paulo: Perspectiva, 1994.

LÉVY, Jacques;. LUSSAULT, Michel (orgs.). **Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés.** Paris: Belin,. 2003.

LIMA, A. M.L.P. Problemas na utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: **Congresso Brasileiro de Arborização Urbana.** Anais. São Luís: EMATER/MA, 1994. p. 539 . 553.

MACEDO, S. S. **Parques Urbanos no Brasil = Brazilian Urban Parks /** Silvio Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata – 2.ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial da Universidade de São Paulo, 2003 – [Coleção Quapá].

MEDEIROS, Eveline da Silva. **Bodocongó: águas que queimam. Campina Grande (1917- 1957).** 2010. Monografia - Curso de História da UEPB, Campina Grande, 2010.

MELO, Myllena Miliann Silva. **Recomendações para Melhoria da Urbanidade de Espaços Livres Públicos em Campina Grande, PB –Brasil.** 2017. 183 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande – PB, 2017.

MOREDJO, A., 1998. **Avaliação dos efeitos das atividades humanas sobre o estado trófico dos açudes paraibanos, com ênfase na utilização da comunidade zooplancônica como bioindicador.** Dissertação de mestrado, PRODEMA-UFPB, João Pessoa-PB. 136 p.

PARQUES URBANOS, MUITO MAIS DO QUE O 'PULMÃO' DAS CIDADES. **Iberdrola**. 2020. Disponível em: <<https://www.iberdrola.com/meio-ambiente/parque-urbano>>. Acesso em 04 set. 2020.

PISSOURIOS, Ioannis A. **Top-Down and Bottom-Up Urban and Regional Planning: Towards a Framework for the Use of Planning Standards**. In: European Spatial Research And Policy. V,158 21. Number 1, Part II. p. 83-99, 2014.

QUEIROGA, E. F. **Sistemas De Espaços Livres E Esfera Pública Em Metrôpoles Brasileiras**. RESGATE - Vol. XIX. Janeiro - Junho de 2011. p. 25-35.

QUEIROGA, E. F., & BENFATTI, D. M. (2007). **Sistemas de espaços livre urbanos: construindo um referencial teórico**. Paisagem e Ambiente, (24), 81-87.

RANGEL JUNIOR, A. G.; SOUSA, C. M. **Campina Grande hoje e amanhã**. EDUEPB, Campina Grande. 154p. 2014.

RIBEIRO, George Ivisson Vital. **Inserção Urbana Em conjuntos Habitacionais Periféricos: Um Estudo de Caso do Residencial Major Veneziano**. 2019. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande – PB, 2019.

RODRIGUES, A. R. P.; FLÓREZ, J.; FRENKEL, D. B.; PORTUGAL, L. S. (2014) Indicadores do desenho urbano e sua relação com a propensão a caminhada. **Journal of Transport Literature**, vol. 8, n. 3, pp. 62-88.

SABATIER, P. (1986), 'Top-down and Bottom-up Approaches to Implementation Research: A Criti-cal Analysis and Suggested Synthesis', **Journal of Public Policy**, 6 (1), pp. 21-48.

SILVA, H. A.; & BARROS FILHO, M. N. M. **Espaços Livres Públicos E Privados Em Campina Grande/PB**. III Encontro Da Associação Nacional De Pesquisa E Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo, São Paulo, 2014.

SILVA, Karla Vitória Nunes. **A Urbanidade do Parque Evaldo Cruz à luz da Intervisibilidade**. 2017. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande – PB, 2017.

SCOCUGLIA, J. B. C. **O Parc de La Tête d'Or: patrimônio, referência espacial e lugar de sociabilidade**. Arqutextos, São Paulo, 113.03, Vitruvius, out 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/10,113/20>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SOUSA, Luis Gonzaga. **Economia Industrial**. Edição digital a texto completo, 2005. Acesso em: <www.eumed.net/libros/2005/lgs-ei/index.htm>. Acesso em: 12 jun. 2020.

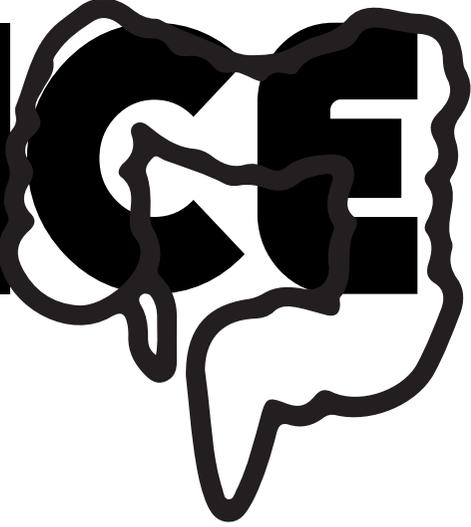
TAVARES, Clotilde. "**Coração Parahybano**". João Pessoa, 2008.

TORRES, P. H. C. Gentrificação verde: novos debates, abordagens e agendas de luta na cidade contemporânea. **Revista e-Metropolis**, Cidade, n. 31, p. 63-65, dez. 201. Disponível em: <<http://emetropolis.net/artigo/239?name=gentrificacao-verde>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

VILLAÇA, F. "Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira". In: SOUZA, M.A.A. de et alii. **Metrópole e globalização**. São Paulo, Cedesp, 1999a.

WHAT IS PLACEMAKING?. **Project for Public Spaces**. 2021. Disponível em: <<https://www.pps.org/article/what-is-placemaking>>. Acesso em 29 abril 2020.

APÊNDICE

A hand-drawn speech bubble outline in black, overlapping the end of the word 'APÊNDICE'. The bubble has a jagged, irregular border and a tail pointing downwards and to the left.

QUESTIONÁRIO SOBRE O PARQUE BODOCONGÓ

Apêndice 01

PERFIL DO USUÁRIO

1-) GÊNERO:

- a) Feminino
- b) Masculino
- c) Não se aplica

2-) IDADE:

- a) Jovens (até 19 anos)
- b) Adultos (dos 20 anos até 59 anos)
- c) Idosos (a partir dos 60 anos)

3-) RENDA:

(que você considera)

- a) Baixa
- b) Média
- c) Alta

4-) ESCOLARIDADE:

- a) Analfabeto
- b) 1º Grau (ensino fundamental completo)
- c) 2º Grau (ensino médio completo)
- d) Superior

5-) BAIRRO:

Em que bairro você mora?

6-) RAÇA:

- a) Branco
- b) Preto
- c) Pardo
- d) Amarelo (asiático)
- e) Indígena
- f) Outra

USO E OCUPAÇÃO

6-) FREQUÊNCIA:

Quantas vezes por semana frequenta o parque?

Com quem você frequenta o parque?

7-) ATIVIDADES:

Quais as atividades exercidas no parque?

8-) HORÁRIO:

a) Manhã

b) Tarde

c) Noite

9-) DIAS DA SEMANA:

Quais dias da semana você mais frequenta o parque?

10-) TEMPO NO PARQUE:

Em média quanto tempo você permanece no parque?

OPINIÃO/ EXPECTATIVA

11-) SATISFAÇÃO:

a) O que você mais gosta no parque?

b) O que você menos gosta/não gosta no parque?

12-) MELHORIAS:

O que podia melhorar no parque?

13-) NÍVEL DE SATISFAÇÃO GERAL DO PARQUE:



Péssimo Ruim Neutro Bom Excelente

14-) NÍVEL DE SATISFAÇÃO SEGURANÇA DO PARQUE:



Péssimo Ruim Neutro Bom Excelente

15-) NÍVEL DE SATISFAÇÃO ESTRUTURA DO PARQUE:



Péssimo Ruim Neutro Bom Excelente

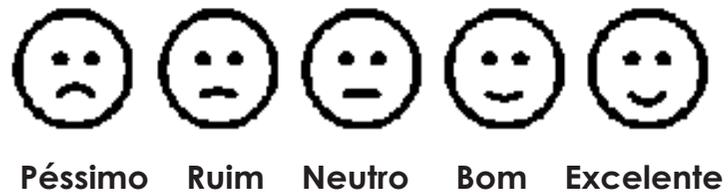
16-) NÍVEL DE SATISFAÇÃO CONFORTO AMBIENTAL DO PARQUE:



17-) NÍVEL DE SATISFAÇÃO LIMPEZA/CONSERVAÇÃO DO PARQUE:



18-) NÍVEL DE SATISFAÇÃO ACESSO AO PARQUE:



ANEXO



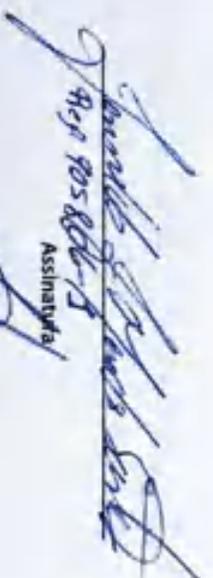
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC



TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, JOSINALDO MENDES, DIRETOR E ADMINISTRADOR DO PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "PARQUE ECOLÓGICO PARA QUEM? UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA E COMPORTAMENTAL DO PARQUE DE BODOCONGÓ" assim como a divulgação dos dados obtidos em entrevistas no PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGÓ, no período de 2019 a 2021, tendo como pesquisador coordenador o Prof. Dr. MAURO NORMANDO MACÉDO BARROS FILHO.

Campina Grande, 05/05/2021


Assinado(a) em 05/05/2021 às 10:05:48h-13